



Chiwan Medeiros Leite

O membro inferior
central e as peripécias
da língua

Este membro inferior central e suas peripécias linguais é mais um lançamento da Coluna Opinião (CO). Criada em janeiro de 2019, a CO habita o Blog Multiplicadores de Visat (www.multiplicadoresdevisat.com), um veículo artesanal de comunicação sobre os temas das interações entre saúde, trabalho, ambiente, direitos humanos e movimentos sindical e sociais. O BlogMV é organizado, administrado e operado por uma equipe de voluntários, irmanados pela fome de conhecimentos com base nos temas citados. O BlogMV não possui qualquer tipo de financiamento e não abriga qualquer tipo de propaganda em seu espaço. É um sítio de acesso totalmente livre, sem qualquer exigência de inscrição e que disponibiliza um número infinito de livros, documentários, materiais didáticos, jornalísticos que versam sobre o temário assinalado. Pretende ser uma fonte alternativa de conhecimentos para estudantes, profissionais, militantes e membros de movimentos em defesa dos direitos humanos. Nesse contexto, a CO conta atualmente com mais de 1400 textos publicados e 116 colunistas, todos colaboradores voluntários. Chiwan é um deles e, agora, ingressa no rol de colunistas com livros já publicados ou em fase final de publicação, conforme a listagem abaixo.

Livros (da Opinião) publicados e disponíveis para leitura e download no Blog MVisat:

- Vasconcellos, LCF et al. (Orgs). Coluna Opinião: Textos Seleccionados 2019/2020. São Paulo: Assertiva Editorial. São Paulo/SP 2021. E-book/impressa.
- Vasconcellos, LCF et al. (Orgs). Coluna Opinião: Textos Escolhidos pelos Autores 2019/2020. São Paulo/SP: Assertiva Editorial. 2021. E-book/impressa.
- Gaze, Rosângela. Crimes do Estado contra os Direitos Humanos. Rio de Janeiro/RJ: Blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador. 2023. E-book/impressa.
- Vasconcellos, LCF. Sistema Único de Saúde (SUS): a expressão de um desejo. São Paulo: Assertiva Editorial. São Paulo. 2024. E-book/impressa.
- Gonçalves, Ricardo Assis. Onde você está nessa lama? Crônicas da Mineração no Brasil. Anápolis/GO: Editora UEG. 2024. Imprensa/flipbook.
- Gonçalves, Ricardo Assis. Crônicas Litero-Geográficas. Anápolis/GO: Editora UEG. 2024. E-book/impressa.
- Gonçalves, Ricardo Assis. Crônicas de la Minería en Brasil. Anápolis/GO: Editora UEG. 2024. E-book/impressa.
- Specian, Valdir. Travessias e Resistências. São Paulo/SP: Assertiva Editorial 2024. E-book/impressa.
- Mendes, Ernani Costa. Cuidados Paliativos – Reflexões e percepções de um trabalhador do SUS. São Paulo/SP: Assertiva Editorial 2024. E-book/impressa.

Esperamos que apreciem mais essa publicação da série Coluna Opinião – BlogMV.

Rio de Janeiro, dezembro de 2024.

O membro inferior central e as peripécias da língua

Chiwan Medeiros Leite





Capa: manipulação artística sobre imagem original de Fabricio Macedo, do Marco Zero da cidade de Recife, em torno do qual se encontram os prédios da Caixa Cultural Recife que ocupa edifício de estilo neoclássico datado de 1912 e o da Associação Comercial de Pernambuco, de arquitetura clássico-eclética tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Copyright © 2024 by
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Assertiva Editorial Ltda.

Rua Nossa Senhora da Saúde, 287 - Cj. 25 Bloco 1
www.assertivacriativa.com.br

Projeto gráfico, seleção de imagens e diagramação: Alex Franco / franco.alex@gmail.com
Capa manipulação artística sobre imagem original de Fabricio Macedo do Marco Zero da cidade do Recife

Comissão Organizadora e Editorial

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos
Luciene de Aguiar Dias
Rosangela Gaze
Adelany França
Isabella Maio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leite, Chiwan Medeiros

O membro inferior central e as peripécias da língua (livro eletrônico) /
Chiwan Medeiros Leite. -- Rio de Janeiro : Assertiva Editorial, 2024.
PDF

ISBN 978-85-69310-18-1

1. Comunicação social 2. Crônicas brasileiras 3. Linguística 4. Segurança e
saúde no trabalho

I. Título.

24-240619

CDD-B869.8

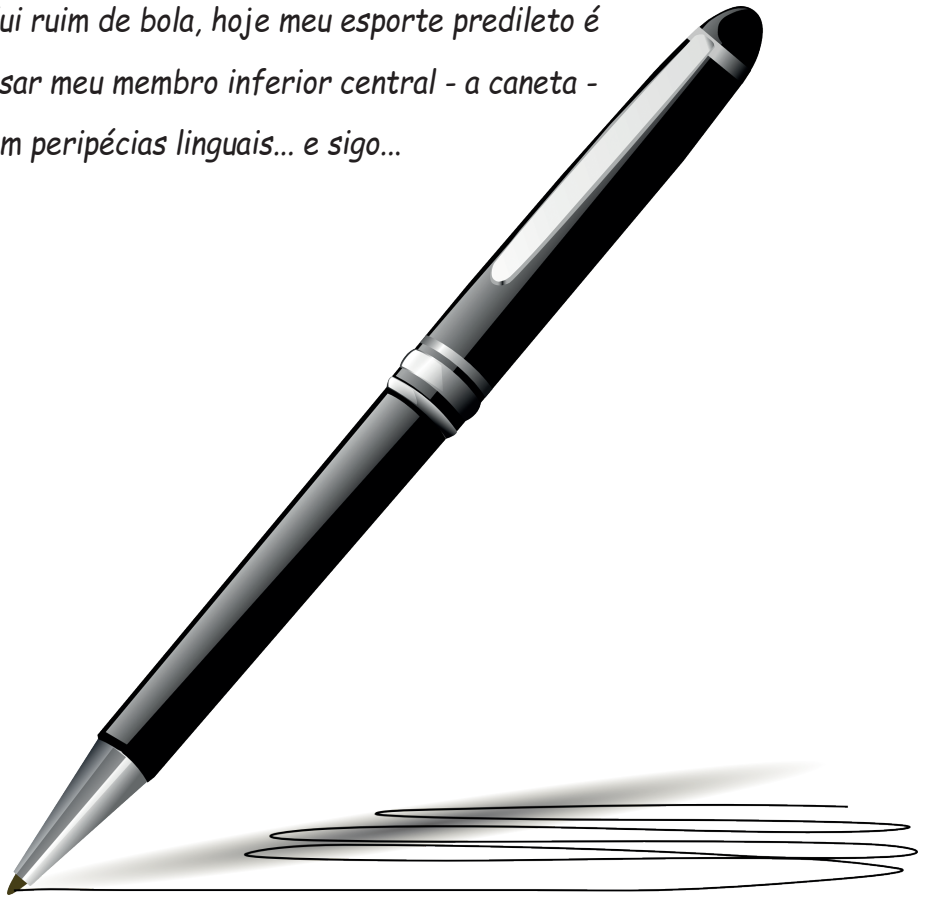
Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela
mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

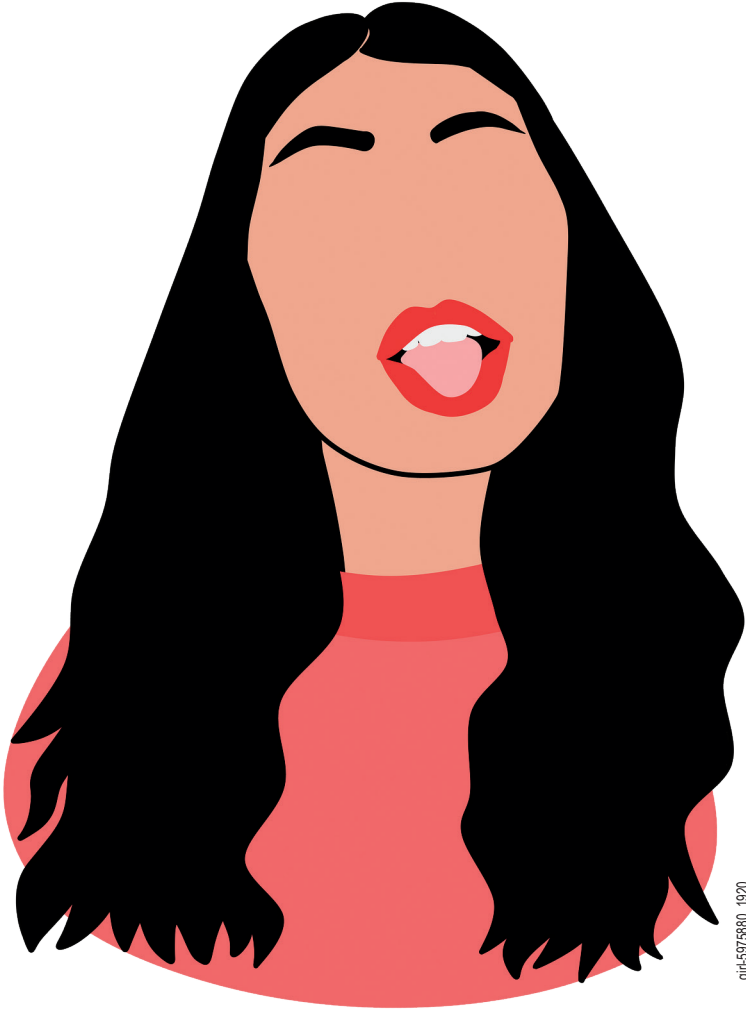
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
2024

Minha mãe falava sempre pro meu pai quando ele perdia na loteria: AZAR NO JOGO SORTE NO AMOR. Quando contei meio choroso que Eurílis tinha terminado o namoro comigo, mãe falou AZAR NO AMOR SORTE NO JOGO, VAI JOGAR BOLA. Como sempre fui ruim de bola, hoje meu esporte predileto é usar meu membro inferior central - a caneta - em peripécias linguais... e sigo...





O primeiro amor de Eurílis	11
Encontros e desencontros no Recife	13
Trabalho ou Emprego - O futuro chegou (I)	17
Fake news, papel higiênico e não me toque	19
Primeiro de abril	21
Ilusão à toa	23
A traição das vogais e o drama das consoantes	25
Rolezinho Virtual	27
Estampas Eucalol	29
Está com tudo e não está prosa	32
As novas morais nas redes sociais	34
Uber-Texto	36
2021 e o Boi Voador	38
Arte Do Mal (I) / Fascismo e a Patente do Açáí	40
Arte do mal (II) / Como se Esculpe um Fascista	43
Caminhoneiros	45
Siglês	47
Léxicos do Futuro	49
A Maior Fake-News do Mundo	51
Provérbios	55
A Filosofia do Esgoto	58
Psicopata / Você já viu algum de perto? (I)	61
Psicopata / Você já viu algum de perto? (II)	63
Psicopata / Você já viu algum de perto? (III)	65
Profissões do Futuro	67
Imbrocháveis e Enrabáveis / Curiosidades da Língua Portuguesa	69
A verdade sobre os frasicídios	72
Anagramas em Garamansa	75
O Raio	77
O Membro Inferior Central e as Peripécias da Língua	79
A Feira do Anacoluto	81
A história da equena atrícia essa	84



girl-5976860_1920

O primeiro amor de Eurílis

Convido você à degustação de “O Membro Inferior Central e as Peripécias da Língua”, crônicas do primeiro amor de Eurílis.

Chiwan Medeiros Leite, Bacharel em Comunicação Social, tem predileção em escrever na Coluna Opinião. Suas crônicas divertem, deliciam, encantam... E deixam claro os objetivos de provocar indignação e de desarrumar ideias sobre a ordem hegemônica das coisas no mundo. Surpreendem com os múltiplos sentidos das línguas, da sua, da minha, das nossas, estimuladas a saborear mais e mais o membro inferior central, também conhecido como mic, etimologia no Siglês. Nesse tempo das laives, microfone é um objeto essencial às profissões do futuro, pode até ameaçar algumas profissões, ainda essenciais, como a de professores.

“Está me ouvindo?” “Sim, pode falar...” E lá ia a palavra – sem ou com microfone, em múltiplos tamanhos, formatos, modos de introdução e vibrações – umedecer membranas e ossinhos. Volúpias sonoras, cavalgadas virtuais, e lá se iam as estribeiras com tantas fake news, papel higiênico e não me toque. Neste ponto, passo a palavra à Eurílis e suas peripécias linguais.

Foi um dia p’ra ficar na história, nossas línguas revolutas faziam crescer o mic que, ardente, arremetia... o emprego iria, finalmente, crescer, a avalanche de meninos com caixotes uber-eats nas costas estava com seus dias contados. Olhos pregados na TV, soltava a língua: - Salvar a Previdência Social da rapina para construir Itaipu, Transamazônica, Ponte Rio-Niterói, Angra I, Estrada Rio-São Paulo, haras de cavalos de raça de militares e civis patriotas convictos, foi exitosa! Seu déficit foi, enfim, sanado. E arrematava: O 23 de outubro de 2019 é um dia p’ra entrar na memória pátria. Foi também o dia em que mic transformou-se em Mic no coração de Eurílis...

Encontros memoráveis aconteceram nesses cinco anos, alguns lhes conto hoje, outros meu amado revela nas crônicas linguais. Nossas línguas desfrutavam de prazeres da carne, sem moderação, com alertas contra a banalidade do mal: Entrega de Salsichas - UBER-Texto: “Prezado cliente: a salsicha é comida típica alemã. A Alemanha, na história recente, na figura de Adolf Hitler, é símbolo do nazismo. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, não vote em nazistas.”

Um dia sobe, outro dia desce, aumenta, diminui... Em matéria de emprego..., quando os números se encontram, os resultados e as interpretações se desencontram. E o amor de Eurílis e Mic crescia e eternecia...

Há um certo paradoxo na era da comunicação. O domínio das news, fake ou não, a maioria parece que sim, as trocas ininterruptas e meteóricas do zap ... comunicam mas não informam. Não agregam valor sobre o conhecimento acumulado da história humana. Às vezes, minha língua se negava às peraltices (quem é essa Dulcinéia?) ... No minuto seguinte, se entregava salgadinha diante da estampa com sabor e saberes linguais em singelo ardor...

Veze que outra, Mic aprontava das suas... Um dia, com Noel Rosa em sua defesa, diz que às

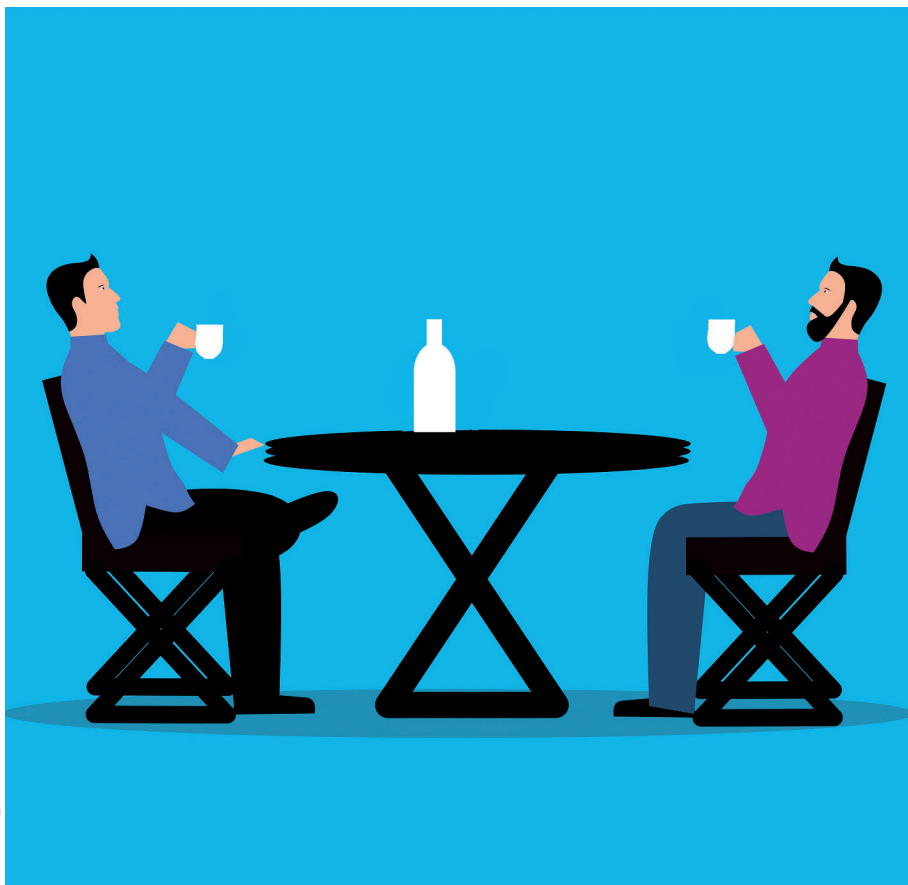
vezes é preciso mentir e que “a mulher que não mente não tem valor”. No auge da pandemia, até me fez crer que era verdade, e gostar, da maior fake-news do mundo...

Lambendo as páginas virtuais, com meus dedos molhadinhos, sorvia Mic desde que o conheci há cinco anos. De baixo para cima, lado a lado, via de regra, revisei regras e fiz das rusgas efemérides radiantes. Mas foi em Garamansa, numa cantiga na catinga, que nossas travessuras linguais pactuaram a dedicação exclusiva a Mic nessa oração: Perco o rumo quando vejo um muro. Se eu tivesse um carro de corar eu ia cantar uma cantiga na catinga. Mas não sou padre nem pedra. No norte uso trenó e regra pra mim só se regar rosa num chão raso...

***No linguajar do afeto, sem açúcar,
mantendo ereto o membro inferior central
em três línguas e trinta entrelínguas desse voluptuoso romance...
Eurílis***

*por Rosangela Gaze
Fórum Intersindical Saúde, Trabalho, Direitos Humanos
Pesquisadora, Colunista e Coeditora da Opinião MultiVisat*

Encontros e desencontros no Recife



men-7835596_1920

Quando Fadel me comunicou que Chiwan havia me convidado para escrever este prefácio, muito mais que surpreso, fiquei apavorado. Primeiramente porque eu jamais havia escrito um prefácio, e depois porque, embora tenha lido os textos do Chiwan, jamais havíamos trocado uma única palavra, nem por telefone nem por teleconferência e, muito menos, pessoalmente. Como eu poderia então, escrever sobre uma pessoa sem ter estado com ela?

Por alguns dias fiquei imaginando como eu poderia resolver esta equação, reler as crônicas e tentar enlaçá-las em um texto burocrático foi a primeira alternativa que considerei, porém isso

seria muito pouco para um homem que, talvez por ignorância literária, eu denomino como o escritor de realismo fantástico tropical, uma pessoa capaz de compilar memórias afetivas misturando generosas doses de delírios etílicos, típicos das almas sensíveis. Chiwan escreve informações e desinformações geográficas, culturais e emocionais da cidade do Recife e de sua irmã siamesa Olinda com a delicadeza de um poeta. Faz provocações reflexivas sobre a fronteira entre realidade e ficção e ousa escrever, sem papas na caneta, a verdadeira história da criação do mundo, transborda ironia e afetividade. É ousado e competente a ponto de colocar o Brasil e o Mundo dentro da capital pernambucana. Chiwan desenha com o bico de pena do sarcasmo, a crueldade de um mundo de mentirinha, ou de mentironas.

Diante de tão grande desafio, optei por uma saída radical, decidi viajar ao Recife e me apresentar a Chiwan, pensei que poderíamos sentar em um boteco qualquer da cidade e passar uma tarde tomando cachaça e trocando experiências e histórias que me dariam base para escrever o desafiador texto deste prefácio.

Me enchi de coragem e coloquei o pé na estrada. Devido a condições financeiras desfavoráveis, a única alternativa para a viagem seriam as caronas, e assim, de boleia em boleia, de pensão em pensão, de banco de praça em banco de praça, consegui, depois de alguns dias, chegar finalmente ao Recife.

Foi então que surgiu o maior problema da empreitada, eu precisava encontrar uma pessoa da qual sabia apenas o nome, não tinha seu endereço, nem seu telefone e nenhuma referência de onde ele poderia morar. A primeira coisa em que pensei foi que Chiwan provavelmente moraria no Edifício Aquarius¹, certamente a personagem de Sonia Braga foi baseada no próprio Chiwan. Fiquei então tentando escutar o Som ao Redor¹, acreditando que a música me levaria ao prédio famoso, mas Taiguara não se fez presente, e eu me vi novamente sem destino. Pensei que talvez devesse procurar por ele nas igrejas evangélicas. Se eu não o encontrasse pessoalmente em uma delas, certamente conseguiria ver seu rosto em um dos Retratos Fantasmas¹, do tempo em que os atuais templos eram salas de cinema. Me encaminhei ao centro da cidade seguindo em minha busca inglória. Várias igrejas depois, desisti, o ambiente contaminado do religiosismo certamente espantara Chiwan daqueles espaços.

Como então encontrar Chiwan? Quem sabe, em uma das infinitas drogarias da cidade? Será que alguma delas ainda vende sabonetes Eucalol? Se vender, certamente o balconista conhece Chiwan e saberá me dizer quando e onde encontrá-lo, afinal são raros os clientes que tratam os balconistas pelo nome, que estendem a mão, que dizem bom dia, boa tarde, boa noite, perguntam da namorada, dos filhos e coisas assim. Uma vez encontrada a farmácia, encontrar Chiwan seria uma questão de horas. O problema é que há muitas drogarias e nenhuma delas parece vender sabonetes Eucalol.

A essa altura eu já estava ficando desanimado, já era tarde, a tarde de um domingo azul e foi assim que Alceu² me direcionou para a praia de Boa Viagem, obviamente a Belle de Jour³, saberia me dizer onde, naquele Dia Branco⁴ de Geraldo⁵, eu poderia encontrar Chiwan, só que, novamente, meu desejo não se realizou. Pelo jeito não seria desta vez que eu conseguiria dizer a ele o quanto o

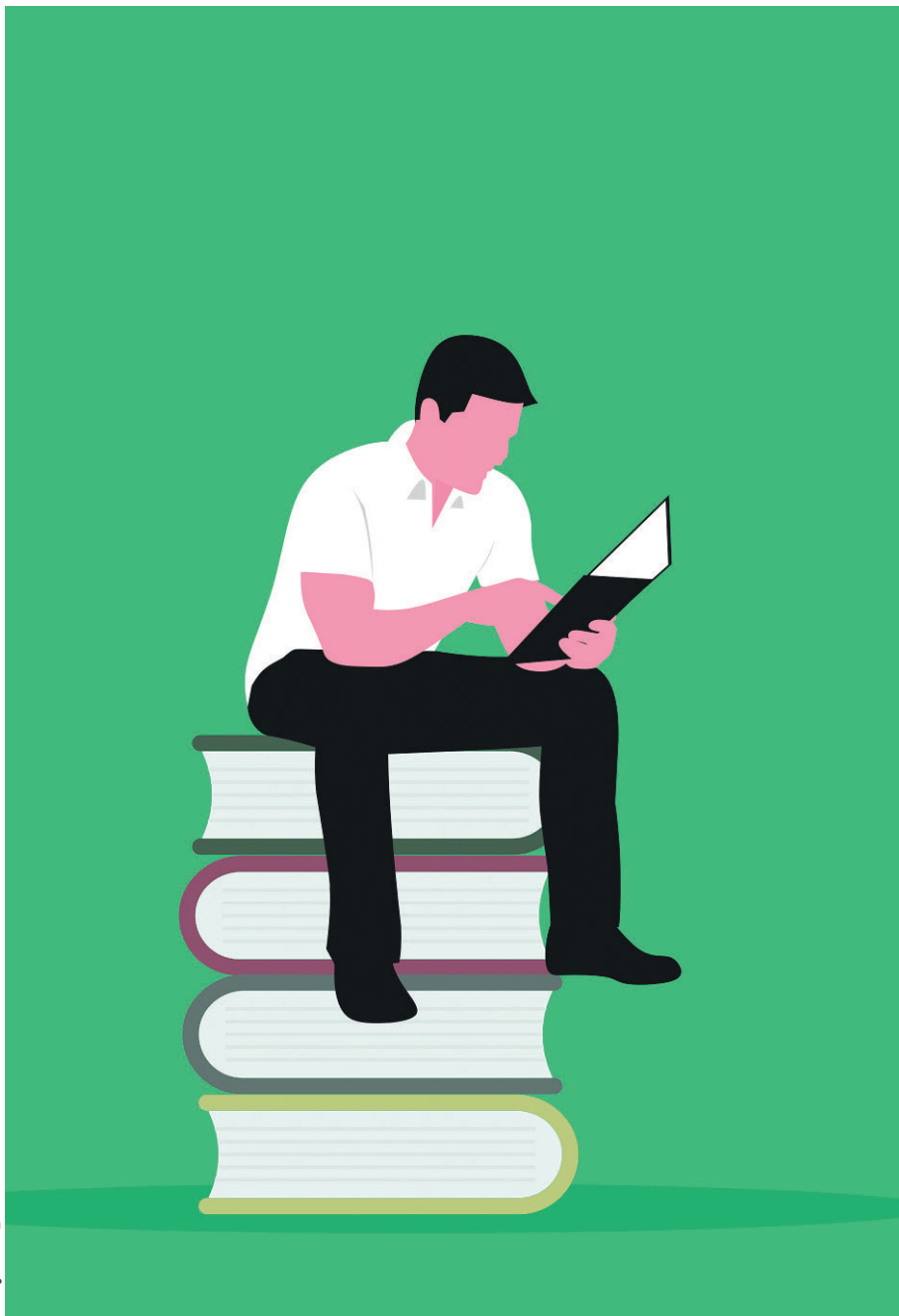
admirava e como seus textos me faziam bem.

Frustrado e já decidido a voltar a São Paulo, resolvi parar em um boteco antes de pegar a estrada. Escolhi ao acaso um estabelecimento que ficasse próximo aos rios Capibaribe e Beberibe, o mais próximo possível do ponto onde o oceano deságua. Sentei, pedi uma dose de cachaça, e me vi obrigado a concordar com Vinícius de Moraes: “A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”. Foi aí que Chiwan apareceu do nada e, sentando-se ao meu lado, pediu ao garçom um pedaço de papel, me emprestou seu membro inferior central dizendo, escreve aí essa sua aventura de vir me procurar, faça um texto curto, tenho certeza de que será um bom prefácio para meu livro. Escreve rápido porque daqui até o sol raiar, vai ser apenas samba e cachaça, frevo e cachaça, coco e cachaça, forró e cachaça etc. E, em sua homenagem, vou até cantar uns sambas do Adoniran⁶.

1. Filmes de Kleber Mendonça Filho ambientados no Recife
2. Alceu Valença, compositor pernambucano
3. Uma das músicas de Alceu Valença
4. Música de Geraldo Azevedo
5. Geraldo Azevedo, compositor pernambucano
6. Adoniran Barbosa, compositor paulista

por Alex Franco

*Fórum Intersindical Saúde, Trabalho, Direitos Humanos
Colunista da Coluna Opinião MultiVisat*



Trabalho ou Emprego

O futuro chegou (I)

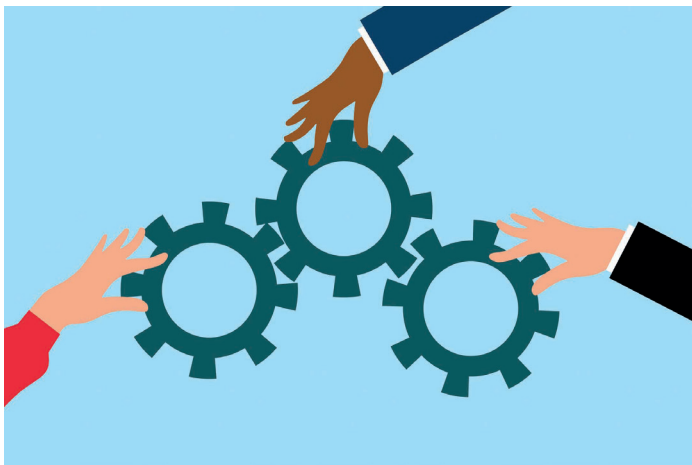
Se a robotização já era há décadas uma ameaça ao emprego, a incorporação tecnológica avassaladora é o próprio extermínio do trabalho. Ou será do emprego? Será de ambos? Ou não será? Bem, primeiro é preciso diferenciar emprego de trabalho. Por exemplo, quem está desempregado está sem trabalho? Recentemente foi extinto, no Brasil, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A partícula e que une as palavras Trabalho e Emprego assegura que são coisas diferentes. Mas, como o referido instituto do Estado foi extinto, essa discussão talvez já não importe.

Poderíamos dizer, por analogia, que se o MTE foi extinto, extintos também foram ... o trabalho e o emprego. Mas, ainda é cedo para afirmarmos que foram extintos. Ainda falta um pouquinho... Quer dizer, talvez somente um deles venha a ser extinto. Qual? No início da humanidade (supõe-se) não havia emprego, apenas trabalho. É uma boa dica. Também, por analogia, poderíamos dizer que, nos tempos atuais, caminhando a passos largos para o fim da humanidade (vide o caso brasileiro), talvez no apagar das luzes apenas sobre o emprego. (?) Estranho, pois com 13 milhões de desempregados, essa alternativa talvez não seja factível. Nos 'sites' de propaganda e ofertas que inundam a internet quando se coloca a pergunta: ***“qual a diferença entre trabalho e emprego”***, a grande maioria conceitua de forma similar.

Selecionei um 'site' como amostra:

• O emprego é o ofício que lhe dá dinheiro, e ele é desenvolvido exclusivamente com essa intenção. Você não gosta do que faz, mas se sente na obrigação de cumprir um horário por conta do valor que cai todos os meses em sua conta. Toda atividade que não te agrada, e é desempenhada exclusivamente para render lucro financeiro, se enquadra na palavra.

• O trabalho, em contrapartida, é algo que é construído a partir de um ideal, um crescimento, uma contribuição para o mundo. O trabalho não



tem valor financeiro, mas pode ser remunerado. Por exemplo, quem faz TRABALHO voluntário, faz isso por amor, por acreditar que pode contribuir, pela necessidade de criar um legado, deixar uma marca e fazer a diferença.

E, entre outras palavras, a definição no mesmo site

[<https://www.febracis.com.br/blog/diferenca-entre-trabalho-e-emprego/>]

assinala: ***O trabalho enobrece o homem. O emprego, nem sempre.*** Eu que há muito faço confusão com essas semânticas, por serem usadas de acordo com a ocasião e seus interesses, fico com dificuldade de empregá-las, ou melhor, trabalhá-las. Serão os desempregados nobres, já que o emprego nem sempre enobrece?

E trabalhadores nobres sempre serão? Confusão.

Os 13 milhões de trabalhadores desempregados... ih! ... de novo. Desempregado trabalha? Faz trabalho voluntário? Por amor? Talvez só consigam ***criar um legado, deixar uma marca e fazer a diferença. (?)***

Bem, 13 milhões de desempregados, ou seja, segundo a definição, aqueles que se conseguirem emprego não vão gostar do que farão (***Você não gosta do que faz.***)

E, (sempre) por analogia, existem desentregados?

Se os 13 milhões de trabalhadores desempregados não trabalham, serão desempregados desentregados?

Eu achava que a Reforma Trabalhista ia resolver esse dilema, mas parece que há uma corrente teórica (bem antiga) que dá a entender que desempregado que não trabalha é vagabundo. Outra semântica provocativa que pode desviar o rumo. Já tem um desvio de rumo com os quase 5 milhões de desalentados dos 13 milhões de desempregados. Desalentados são desempregados, desentregados e vagabundos? Uma outra corrente teórica (também antiga) diz que existem empregados vagabundos. Servidores públicos? Muita confusão p'ra minha cabeça. Parece que o futuro do trabalho se não chegou, está chegando, rapidamente. Desempregados desentregados desalentados vagabundos. É... vou mudar de assunto...

Super-ricos no Brasil lideram concentração de renda global. Segundo o Relatório da Desigualdade Global, da Escola de Economia de Paris, o Brasil é hoje o país democrático que mais concentra renda no 1% do topo da pirâmide. [<https://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-global/brasil/super-ricos-no-brasil-lideram-concentracao-de-renda-global.shtml>]

Notícia de 20 de agosto de 2019, não consigo (mudar de assunto). É muita confusão. Como bacha-réu em comunicação social, o convite para escrever nessa coluna sobre as mídias e a questão do trabalho me colocou numa situação de desalento, desculpem, essa palavra é muito forte para o que estou sentindo. Sinto-me desafiado e algo incompetente. Por aqui passam especialistas, doutores e pessoas experientes no tema. Nessa minha primeira incursão, só tenho uma certeza: tenho que tomar cuidado com o emprego das palavras e sei que vai me dar trabalho.

Fake news, papel higiênico e não me toque

Caminhamos rapidamente para a nova configuração do mundo. Os críticos da sociedade de consumo, do individualismo, da cultura do corpo de uma sociedade narcísica e, mais recentemente, da solidão dos selfies e dos amores dialogados pelo zap, foram surpreendidos em sua ingenuidade e parcimônia. Atualmente, ser um crítico da modernidade, a partir desses valores, é como achar que usar um canudinho de papel vai salvar o



Imagem de Jayr por Pixabay - selfie

planeta. Ou achar que o avanço do fascismo termina nas próximas eleições. Ingenuidade pura. Para ver o que será o mundo daqui a três meses ou três anos ou, vá lá que seja, três décadas, veja o que corre nas mídias sociais, aqui no Brasil ou no Japão. Ou, se preferir, em qualquer lugar. No Brasil, nem é preciso falar. A redundância cansa. Para o lado que se for, a realidade é esclarecedora (e estarrecedora). O carnaval cresce cada vez mais, avança para trás (agora começa antes) e avança para a frente (continua apesar de estarmos em março). O futebol cresce cada vez mais (em público e em salário dos que arrastam público). Pão e Circo. Muito menos Pão, muito mais Circo. A igreja cresce cada vez mais (em público e em salário dos que arrastam público). Muito mais fê para “salvar” o mundo. O setor de serviços, comércio para ser mais exato, já está dominado: academias de ginástica, farmácias e drogarias, igrejas evangélicas, pet-shops e lojinhas que vendem balas, balinhas e bombons. Isso sem contar as carrocinhas de kibe e esfihas e as bicicletas do Rappi e Uber-eats. As grandes cidades brasileiras, pouco a pouco vão ganhando essa nova configuração e, nelas, o comportamento das mídias sociais é totalmente padronizado. No Rio de Janeiro, segundo me dizem os amigos cariocas, a água mineral é o produto do futuro p’ra livrar da geosmina e outras inas, mesmo que as pessoas se endividem para comprá-la. Já, no Japão, a corrida ao papel higiênico é o novo esporte, enquanto não resolvem se lá vai haver ou não Olimpíada devido ao Coronavírus, vulgo COVID-19. Ou se terão que ficar confinados em casa por ...meses? ... anos? Até agora ninguém explicou os COVIDS 1 A 18, nem qual será e quando virá o COVID-20. O que se vem explicando no Japão e no Brasil é que se deve usar máscaras só se estiver infectado (comprar nas farmácias e drogarias, se lá ainda houver), usar álcool gel para limpar as mãos (comprar nas farmácias e dro-

garias, se lá ainda houver), orar para não ser contaminado (comprar Jesus na igreja mais próxima), não tocar (nem falar com) pessoas nas ruas, evitar o uso de corrimões, evitar lugares onde haja aglomeração de pessoas. A continuar assim, o que será do carnaval, do futebol e das igrejas? Já se difunde a necessidade de se adotar home-office para tudo e todos. Liberdade só nas redes sociais. Aí é o lugar em que as pessoas (ainda) podem se comunicar, principalmente pesquisando se são ou não são falsas as mensagens, notícias e filminhos engraçados, dada a avassaladora quantidade de fakenews, bem maior do que as true-news. Nos intervalos, talvez confinados em suas casas ou nos abrigos de proteção contra os desastres cada vez mais avassaladores em todo o mundo, mas especialmente no Brasil, poderão destilar seu ódio contra tudo e todos. Ódio é a nova ordem da comunicação que impera. Ódio, inclusive contra os chineses (**...crescente sentimento contra a China ao redor do mundo**), e ódio preventivo contra os brasileiros que poderão adoecer do COVID-19. Meu pessimismo indomável me faz pensar que o Coronavírus é um eufemismo para escamotear o que já vem ocorrendo em anos recentes em vários países do mundo, nem precisa dizer quais, claro, Brasil incluído: doenças antigas e antes dominadas voltando a matar, como o sarampo (**15 mortes em 2019**); as doenças veiculadas por mosquitos, caso da dengue (**quase 700 mortes em 2019**); e a fome (**15 pessoas mortas por dia em 2017**). Se em 2017 morriam 15 pessoas de fome por dia, imaginem agora em 2020, com o aumento da concentração de renda, do desemprego que não cessa, dos problemas de financiamento dos benefícios assistenciais e do bolsa família. COVID-19 é, além de tudo, um bom negócio para vender papel higiênico, máscaras, álcool gel e, até mesmo, Jesus. Passado o COVID-19, virá o COVID-20 com esse nome ou algum outro mais midiático. Enquanto isso, num breve levantamento dos twitters do noticiário político brasileiro dos últimos dias, as palavras campeãs são: idiota, larápio, corrupto, parasita, capanga, Bozo, máscara, álcool-gel, Jesus, goiabeira, bolsotário, esquerdopata, Flamengo, miliciano, safado, rachadinha, furo, bloco, estupro, orçamento, ladrão, supremo, congresso, pátria, família, mentira, saneamento, inundação, banana e foda-se. O Futuro chegou para o país do futuro...

Primeiro de abril

Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay



Entre o Pina e a Brasília Teimosa, o Recife dos anos '50 era o paraíso onde Adão e sua companheira Eva haviam caminhado para viver uma aventura que só poderia ter acontecido em Pernambuco. Sabe-se lá quantos milhares de anos depois, um conhecido radialista iniciava sua participação nas primeiras horas da manhã com a verdade sobre o estado glorioso do Pernambuco:

“Bôôôômmmm dia, queridos ouvintes, estamos falando da RRRRádio Difusora de Recife, a cidade onde o Rio Beberibe e o Rio Capibaribe se unem para formar o

Oceano Atlântico.” Meu pai acreditava nas duas histórias. A de Eva e Adão e a do Oceano formado.

Já adolescente, quando eu era um pouco mais crítico, meu pai velhinho, sereno em sua cadeira de balanço, dizia que a Brasília Teimosa tinha sido a maior lição de resistência ao JK (Juscelino Kubitschek) em seu delírio de criar Brasília. Para meu pai, Brasília teria que ter sido criada no Pina, ou vá lá que seja, em Afogados, Apipucos ou, em último caso, na praia de Maria Farinha.

Confesso que apesar de mais crítico, nos meus 13/14 anos, não discordava muito dele. Recife continua sendo a cidade onde os rios se juntam para formar o Oceano Atlântico, assim como todos os rios do mundo. As velhas aulas de geografia, quando ainda não se discutia as questões sociais implicadas na dimensão humana da vida, nos garantiam isso. Delirei muito em minhas noites juvenis em Olinda com o Volga se juntando ao Mississipi, ao Tapajós e ao Yangtzé numa onda avassaladora, espécie de tsunami, de Alceu Valença e Geraldo Azevedo sobre a minha cabeça e minha dona.

Meu pai sempre lá com suas ideias pernambucanas a me inspirar em meus delírios, mesmo já tendo partido para um Céu onde Deus permanece sentado em seu trono inatacável na esquina da Conde de Boa Vista com Rua do Hospício. Pois, saibam lá que apesar de todos esses aprendizados, o melhor ensinamento de papai foi sobre o primeiro de abril. Fake news não sabem o que estão perdendo por não terem conhecido o verdadeiro primeiro de abril. Isso sim, dizia meu velho, era uma sacanagem p’ra ninguém botar defeito. Quem caía, e todos caíam, tinha um segundo de sem-gracice e o dia inteiro de gozo. Meu pai dizia com orgulho: ***“Caí muitas vezes no 1º de abril, mas peguei muito mais do que fui pego.”*** Lembro-me, especialmente, de um primeiro de abril, em que

meu pai estava com seu amigo Délio, professor de Biologia, lá em casa, justo no dia maluco.

Meu pai me chamou, eu devia ter uns nove anos, e disse solene: ***“Chiva, fala aí pro Délio sobre a punheta...”***

Eu que não tinha a menor ideia do que se tratava, fiquei mudo e meu pai falou: ***“Tá vendo, Délio, não falei?”***

Uns três anos depois, já praticante da mesma, lembrei da cena e perguntei ao meu velho o que significava aquela conversa que me marcou, a ponto de tê-la levado para a análise. Ele falou: ***“Era primeiro de abril. Eu disse ao Délio que eu tinha te ensinado a bater punheta. E ele caiu direitinho.”*** As fake news são imitação rasteira do primeiro de abril. Perderam seu senso de humor.

Fake news são mísseis enganadores sobre a cabeça de idiotas, ingênuos, bobalhões e, o pior, pessoas simples que não têm acesso à informação, clientes contumazes do mais antigo artifício de enganação do mundo: o conto do vigário. E, mais grave, muitos enganados pela fé.

Rousseau já havia falado disso em seu “Discurso sobre a desigualdade.” Mas tantos falaram sobre isso, antes e depois de Rousseau, que só nos resta reverenciar meu velho pai. Em Recife, as coisas seriam diferentes. Em sua ingenuidade de velho ranzinza, mas bem-humorado, católico empedernido, mesmo desconfiado daquela história inicial do Paraíso, odiava Hitler e Mussolini.

Se estivesse hoje por aqui, no dia primeiro de abril ele inventaria um monte de histórias e daria a sua estrondosa gargalhada.

“Bolsonaro virou democrata. HaHaHa. Primeiro de abril. Os militares que estão com Bolsonaro vão salvar o Brasil na hora certa. KKKKK. Primeiro de abril.

O Mandetta vai ter carta branca. HaHaHa.

Primeiro de abril. O Guedes vai fazer um exame de consciência e mudar seu ponto de vista. KKKKK. Primeiro de abril. O Dória e o Caiado estão contra o presidente porque são comunistas. KKKKK. HaHaHa. HaHaHa. KKKKK. HaHaHa. KKKKK.

Primeiro de abril. O PT vai voltar. KKKKK. HaHaHa. KKKKK. HaHaHa. KKKKK. Primeiro de abril. Bolsonaro vai resolver o problema dos trabalhadores brasileiros. KKKKK. HaHaHa. KKKKK. HaHaHa. KKKKK. HaHaHa. KKKKK. HaHaHa. KKKKK.

E ao raiar do dia 2 de abril ele me chamaria no canto e diria, ***“Meu filho, tudo aquilo era primeiro de abril, prepare-se para hoje, dia 2 de abril, mesmo que esse dia demore um pouco mais. A democracia brasileira está em perigo. Se JK tivesse colocado Brasília aqui na Praia de Maria Farinha, as coisas poderiam ser diferentes.***

Mas, nem eu tenho muita certeza disso. Por via das dúvidas, ou fique quieto ou se esconda.”

Estou pensando no que fazer....

Ilusão à toa

Quando Johnny Alf escreveu, em 1961, Ilusão à toa, não imaginava que um longínquo pernambucano iria utilizá-la para ilustrar a catástrofe que se abate no país em que o artista nasceu em 1929 e morreu em 2010. Estamos em maio de 2020, em plena Pandemia do Coronavírus e, que Deus me perdoe, sob a ba(p)tuta de um presidente com claros sinais de socio/psicopatia, com a certeza de que essas duas categorias psiquiátricas se coadunam...



Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

Ilusão à toa

*Eu acho engraçado quando um certo alguém
Se aproxima de mim
Trazendo exuberância que me extasia
Meus olhos sentem, minhas mãos transpiram
É um amor que guardo há muito dentro em mim,
bem dentro em mim
E é a voz do coração que canta assim, assim
Olha, somente um dia longe dos teus olhos
Trouxe a saudade de um amor tão perto
E o mundo inteiro fez-se tão tristonho
Mas, embora agora eu te tenha perto
Eu acho graça do meu pensamento
A conduzir o nosso amor discreto
Sim, amor discreto pra uma só pessoa
Pois nem de leve sabes que eu te quero
E me apraz essa ilusão à toa.*

Pois, nem de longe pensar que o Johnny acharia que algum desorientado iria utilizar a linda melodia de amor para um depoimento de indignação política.

Pois é, o desorientado aqui se apresenta, eis-me.

É uma Ilusão à toa achar que essa desgraça vai se acabar rapidamente. A história humana mostra que às vezes passam séculos para se superar a tirania.

Nós vivemos parques e modestos anos frente à história. Provavelmente não veremos. A desgraça que se abate no Brasil, pelo que tenho visto nas redes sociais, com robôs ou não, fakenews ou não, aliás essa é a minha função aqui, é o prenúncio de uma nova ordem bárbara. Bárbara não no sentido de bacana, mas no sentido de barbárie. Robôs, seres humanos, fake news e true news confundem-se nas redes sociais e anunciam que estamos descendo, rapidamente, no elevador do

processo civilizatório para os porões do nada em direitos e do negacionismo ocupados por fascistas que nos infestam como ratos. Pobres de nós.

Mas, como nessa hora a pena de nada adianta, a não ser caminhar como cordeiro ao patíbulo ou ao cadafalso, é preciso deixar de ter aquela Ilusão à toa, e olhar. Olhar e pensar. Olhar, pensar e refletir. Olhar, pensar, refletir e agir. Primeiro olhar. Olhe para quem está ao seu lado. Aí pense: se um sabujo dos militares e banqueiros ganhou a eleição, é provável que o/a cara que está aqui ao meu lado, no supermercado, no banco, no ônibus, no metrô, no trem, na praia, no boteco, na sala de aula, no cinema, no teatro, na feira, ou seja, em qualquer lugar, tenha votado nele. Ele mesmo: o presidente “E daí?”.

Passada essa primeira Ilusão à toa de que você vivia entre semelhantes, aí você começa a refletir: não é bem assim. Várias lembranças lhe vêm à lembrança: uma delas, talvez, a principal, é a dos 6 milhões de judeus caminhando aos fornos crematórios. Ilusão à toa de que essas coisas se resolvem por si só, ainda mais quando ao seu lado, no elevador, no avião, na farmácia, no corredor da sua empresa, na sala de espera do plano de saúde privado ou do SUS, tem alguém que votou para presidente da república do seu país quem defende o fascismo, degrau anterior ao nazismo, se é que estão em alturas diferentes.

Aí, você vai passando de patamar: olhou, pensou e refletiu. Falta agir. Você se desespera, fazer o que?

Como agir? Olhe mais uma vez para o lado em busca de uma resposta e vê que seu irmão ou sua irmã, seu cunhado, sua cunhada, seu primo ou sua prima, um dos filhos ou uma das filhas, até sua mãe ou seu pai, elegeram como presidente de seu país alguém que defende a tortura, a ditadura e a morte de inocentes (paciência, como ele diz). O desespero não pode lhe invadir porque se você continuar olhando para os lados você vai ver seus amigos de infância ou seus colegas de trabalho ou até seus companheiros de papo de boteco como suspeitos e, por certo, você terá razão em alguma parte dos casos. Afinal, ele foi eleito! Como agir? Simples. Lembre-se que a história humana é a história da injustiça. E que você NÃO está sozinho ou sozinha. Ao olhar para o lado e buscar um sorriso de ternura você vai ver que não está sozinho/a.

Nesse sorriso está embutido o sentido de justiça.

Você saberá reconhecer, ainda que a pessoa esteja de máscara, obrigatória, para se proteger do vírus e da ameaça fascista. Você vai sentir um quê de esperança e cumplicidade por um mundo diferente deste que tentam nos impingir goela abaixo.

A traição das vogais e o drama das consoantes

Di toda ass troca di mensajens com ofenças e ameassas qui venhu obcervanu nas redis soçiais deisdi qui comessei a iscrever nesta colna en setembru do anus paçadu, poso açegurar qui istamo vendo um golpi a camin. Watzapi, twitter, facebook, instagram e mesenger sao os qui acompanhu. Nesti artigo tragu alguns rezultadus do qui venhu observanu. Ispero qui os leitoris poçam ter uma ideia du panrama qui sistematizei. Clacifiquei as ofença e ameassas em grpos e coloqui o percentuau di cada redi.

Cçacificassão das Ofenças e Ameassas

- 1 – Contra a língua portugueza*
- 2 – Contra o PT*
- 3 – Contra o Bolsonaro*
- 4 – Contra o Lula*
- 5 – Contra a imprensa*
- 6 – Contra jornalistas*
- 7 – Contra Rodrigo Maia*
- 8 – Contra o Congreço Nasional*
- 9 – Contra o Supremo Tribunal Federau*
- 10 – Contra os propio frecuentadores das redi*



ai-gener Imagem de Moondance por Pixabay

Os tipu de ofenças e di ameassa sao dus mais variadu, por iço nao vamus entrá em detali. A penas vamu dá algus ezemplu. Primeir os percentuau.

1 – Contra a lingua portugueza

No twitter occurri ofenças e ameassas em 99,9% dus casu. Em sigundu lugá vein o Watzapi com 94,2%, despoi instagram com 78%, mesenger com 69,5% e facebook com 57%. Os levantamento mostra qui dus uzuario indentificadu nas redi, o qui mais fâis ofença e ameassa a lingua portugueza é o ministro da educassão. E fora das redi, quando fala ao vivo na porta du palassio, o çegundo é o presidente.

2 – Contra o PT

Neça modalidadi, as ofenças sao predominanti nu facebook. 80% di facebook di peços brancas, clase media, qui mora em condominiu, qui ja foi a Maiami e que xama o Bolsonaro de mito. O percentuau de ameassa no facebook é inesprecivo. Já no twitter ofenças e ameassas ao PT são predominanti. Em sigundu lugá vein o Watzapi.

3 – Contra o Bolsonaro

No twitter prepondera as ofença e nao sincontra ameassa. A unica ameassa é que ele nao vai se relegê. As ofença é todas com xingassão: genossida, canália, mentirozo, milicianu, maxista, homofódico, babaovo du Tramp, principalmente. 96% das tuitada tem ofença. No Watzapi o percentuau cai pra 54% nas duas. O facebook costuma di ser menos arraivoso.

4 – Contra o Lula

No twitter as ofença e ameassa são maisômenu aparecidas 95% di ofença (ladrão, esquerdotopatico, ladrão-canália, babaovo du Maduro e pilantra, entre ostras) e 92,5% di ameassa (prizão perepetua e pena de morte, principalmente). No Watzapi e no facebook os percentuau são parecido com o do Bolsonaro.

5 – Contra a imprensa

As ofença contra a imprensa sao abitual no twitter (mais de 90%) e no facebook maisômenu 50% á muito tempu, deisdi u tempu do Lula. 97% dus defensores di Lula centavu a pua na imprensa nus governu dele e da Dilma. Agora 97% dus defensores du Bolsonaro centa a pua na imprensa. A mais ofençada é GloboLixo deisdi 2002 ate hogi.

6 – Contra jornalistas

Aí os percentuau cai mutio, por causa di que os twitter é mais dirijido no tuite do jornalista. Mesmo açim cuasi qui só se ver as ofença no twitter. Ameassa só de cadeia e ais vezi di morte.

7 – Contra o Rodrigo Maia

As maioria tombein sao do twitter. 99,5% dus tuite qui falo no nomi du Rodrigo Maia é di prizao perpeprua e pena di morte.

8 – Contra o Congreço Nacional

Essi tipu vein mudano muito nas ultima semana. Os ataqi ao Congreço diminuiro muisto despoi qui o Centrao entrô pru governo Bolsonaro. Agora os ataqi é só prus deputado comunista.

9 – Contra o Supremo Tribunau Federlau

Nessi cazu em qualquer redi us omi é chamadu di vagabundo e a ameassa é cadeia.

10 – Contra os propio frequentadores das redi

Aí, o pau comi. Nas redi aberta ofença e ameassa é lá e cá. Contra e a favô do governo. 100% dus tuite desflora um palavraneadu de invergonhá ate o presidente, o general e o meintor Olavo.

.....

As concluzão aque achegamo é que tein um golpi a camin. Os golpi contra a lingua portugueza...

Rolezinho Virtual



Imagem de sajaranora372 por Pixabay

Venho acompanhando as redes sociais há alguns anos, não só por força de minha área de conhecimento e atuação, mas por paixão e admiração. A evolução da espécie humana deu-se muito mais eficazmente pela evolução tecnológica do que pela evolução do respeito aos humanos entre si. Desde as primeiras sacadas de construir abrigos, fazer o fogo e lapidar instrumentos de caça e pesca para a sobrevivência, a humanidade evoluiu. O nascimento da técnica garante a possibilidade de perpetuação da espécie humana.

Sem a técnica, não estaríamos aqui. O homem seria uma entre outras tantas inúmeras espécies extintas do planeta. Mas é sempre bom lembrar que a mesma técnica que elevou o homem à condição de sobrevivente entre tantas espécies foi também capaz de ser utilizada para exterminar o próprio homem.

Até agora, passadas algumas dezenas de milhares de anos, essa extinção foi direcionada para grupos inimigos entre si. Esse ódio direcionado, sob as conjecturas históricas, paradoxalmente evitou o extermínio total da espécie humana. Pelo menos até agora. O andar da carruagem histórica não garante a presença definitiva do homem na Terra, pois a técnica em si não possui a autonomia do respeito a quem ela é direcionada. Técnicas são ferramentas para melhorar as coisas do mundo ou para piorar as coisas do mundo, dependendo das mentes que as criam e das formas como as aplicam. Em outras palavras, técnicas podem salvaguardar a vida humana no planeta, mas pessoas que as usam nem sempre estão preocupadas com isso. Nessa contraditória marcha humana, o conhecimento acumulado das técnicas e o seu aprimoramento a partir do conhecimento científico evoluiu

para uma forma sofisticada de sua utilização aperfeiçoada: a tecnologia. Seria factível pensar que essa gradação “superior” da técnica pudesse despertar o respeito ao outro e fazer nascer na espécie o direito humano como avanço tecnológico aplicado.

Bobagem. A tecnologia ampliou o ferramental de colocar grupos inimigos para se exterminarem entre si. E aí, passadas dezenas de milhares de anos, chegamos aqui e agora às redes sociais. Parece muito claro que o avanço tecnológico acirra o desejo e o impulso de grupos para o autoextermínio. Não só acirra como também desperta a possibilidade de formas mais sofisticadas de autoextermínio.

Fake news, hackers, deepweb utilizam técnicas subalternas e até certo ponto ingênuas frente à tecnologia do extermínio desenvolvida fora de nossas fontes de informação acessíveis. Quem já ouviu falar de Guerra nas Estrelas, na época da Guerra Fria, deve imaginar do que estou falando, 5G que o diga timidamente. Tecnologias com capacidade de aprimorar a humanidade estão nas mãos de quem almeja subjugar a humanidade à sua ordem única e autoritária. Nossa sorte é que essa ordem (ainda) não é única. E o que que o rolezinho virtual, dono do título desta página tem a ver com isso? O rolezinho foi criado em São Paulo, há alguns anos, e depois se disseminou por outros centros urbanos do país.

Grupos de jovens, principalmente de comunidades periféricas e com alto grau de exclusão social, sob o comando de um ‘líder’, via face-book marcaram um encontro para se **reunirem** num estacionamento de *shopping* e, perseguidos pela segurança do estabelecimento e polícia, correram para o interior do templo sagrado do consumo moderno. Nascia o rolezinho. A moda pegou. E os frequentadores clássicos de *shoppings* passaram a ter medo dos rolezinhos. Com a pandemia, *shoppings* fechados, escolas fechadas, fascismo infiltrado, inclusive em algumas igrejas e em seus veículos de comunicação, a garotada quer exercer sua rebeldia e identidade contestatória. Para onde eles vão? Claro, para a nova ordem virtual acessível a eles - a internet -, em locais que antes eram inexpugnáveis: escolas em geral, inclusive universidades, e *lives* de shows e artistas que jamais poderiam ver ao vivo. É possível que tenham por trás uma orquestração (adulta ideológica) direcionada para intervirem principalmente em conferências com palavras chave como sindicato, trabalhadores, exploração, luta de classe, fascismo, direitos humanos, meio ambiente, Paulo Freire, etc... Mas, sinceramente, não acredito nisso.

São jovens que o Estado brasileiro abandonou e se rebelam contra as coisas a que deveriam ter acesso e são impedidos, principalmente às universidades.

Essas invasões, batizadas de *zoombombing* (pelo FBI), não são exclusividade brasileira. Estão presentes em países onde há injustiça e desigualdade social e nos quais jovens excluídos são entregues à própria sorte.

As formas de manifestação vão flutuar em função das culturas locais e tradicionais, segundo a moda vigente.

No Brasil, é evidente que, num contexto fascista e antidemocrático, os jovens incorporam valores pelos falsos discursos de mudança das coisas. As coisas que lhes afligem. Do combate à

violência pelo extermínio de bandidos que justificam a violência de Estado, à defesa de milícias, e do apoio de pastores evangélicos ao discurso governamental incitando a beligerância da população que deve ser armada, os valores de uma ética social humana de respeito ao outro vão sendo eliminados. O rolezinho virtual é um pouco disso.

Tenho visto várias reportagens sobre as invasões nessas *lives* (laives). Eu mesmo presenciei já várias. Algumas chocantes. Mas, todas, aparentemente inofensivas. E as pessoas morrem de medo. Eu vi o medo nas pessoas. Pessoas que morreriam de medo num rolezinho de *shopping* hoje morrem de medo numa invasão de laive, no conforto de suas casas.

Medo de suas senhas? Medo de suas identidades sociais de classe serem confrontadas? Medo de quais fantasmas? Medo de si pela incapacidade de reagir?

Medo de seus computadores serem invadidos?

Será que elas ainda não perceberam que suas vidas já foram invadidas para consumir sempre mais ou atingir metas em seus trabalhos e terem medo o tempo todo? O medo é a razão dominante do avanço tecnológico para o controle absoluto dos nossos direitos humanos. Ou, será que não há uma pandemia do medo? São perguntas que devemos nos fazer.

Como operário de comunicação social tomei para mim a seguinte lição: quando eu estiver numa laive e o rolezinho virtual acontecer, vou me abstrair, observar o que dizem, o que mostram, o que está por trás de seu abandono e esperar que saiam da laive com suas questões não resolvidas pelo Estado brasileiro.

Enquanto isso, esperarei como se eu estivesse num *shopping*, na praça de alimentação tomando um chopp. Ai, quando a garotada sair da laive continuarei debatendo os rumos de um país injusto e perguntando aos que continuarem na laive: de que têm medo?

Estampas Eucalol

Há um certo paradoxo na era da comunicação.

O domínio das news, fake ou não, a maioria parece que sim, as trocas ininterruptas e meteóricas do zap, as insolências e likes do tuíteer, as ostentações narcísicas do face e outras modalidades comunicacionais rastejam em matéria de conteúdo. Em outras palavras, a rigor, comunicam mas não informam. Não agregam valor sobre o conhecimento acumulado da história humana.

Quando eu era menino me diziam que a rádio relógio era cultura inútil, mas lá aprendi muita coisa. O anúncio da hora exata era entremeadado da pergunta: *Você sabia?*

Tudo bem que lá aprendi que as tartarugas não menstruam e sobre a quantidade média de pelos do corpo humano, mas também aprendi quem foi Benito Mussolini. E entre umas horas e outras, cujo fundo musical era um tic-tac ininterrupto, entendi coisas do fascismo e do nazismo que, atualmente, no Brasil, arrepiam meus cinco milhões de pelos à lembrança...

Mas as informações vinham de diversas maneiras, além das antigas enciclopédias. Podia faltar carne em casa de pobre, mas lá estavam elas: Britânica, Tesouro da Juventude, Barsa, Larousse. Muitas vezes em cima das geladeiras vazias. Os vendedores dessas coisas passadas tocavam a campainha ou batiam palmas à porta das casas com suas malas enormes cheias de livros.

Foi assim que me tornei sócio do Círculo do Livro, na Recife do tempo em que (ainda) era a Veneza Brasileira.

Um pouco mais adiante, mas sempre antes do computador vieram as coleções que eram compradas aos fascículos nas bancas de jornais.

Eram coleções espetaculares. Quase virei médico com Medicina e Saúde, depois resolvi virar cientista com Ciência Ilustrada, quase me tornei mecânico faz-tudo com Como Funciona, e acabei por aqui após ler e devorar Conhecer. O caraminguá da mesada e depois dos primeiros trabalhos era dividido em cigarro, cinema e as coleções. As figurinhas de pacote, os almanaques e as revistas para jovens, como Diversões Juvenis, eram informação pura. Mas a informação chegava de outras formas - palito de sorvete, maço de cigarro, cartão postal, papel de embrulho, pacote de meias, sei lá -.

Até que um dia, lá pelos anos '60, ao me preparar para o banho vi que não tinha sabonete. Até pensei em tomar banho com sabão português naqueles tempos de escassez. E não seria a primeira vez.

Mas eu tinha combinado de ir ao cinema com Dulcinea, acho que minha primeira ou terceira namoradinha, e resolvi fuçar as gavetas à cata de um sabonete.

Descobri o primeiro tesouro da minha vida, os demais talvez eu conte algum dia. No fundo de uma gaveta do armário de meu pai, estava lá uma pilha de sabonetes Eucalol. A primeira coisa que pensei foi que meu pai tinha endoidado - escondendo sabonete? -.

Só alguns dias depois que eu já tinha percorrido todos os lugares de Recife que vendiam



sabonete é que eu descobri. Há anos já não se fabricava o Eucalol.

Entendi a lucidez da loucura de meu pai. Roubei um sabonete da pilha e vi que já não tinha cheiro, mas lá estava ela intacta e exuberante: a Estampa Eucalol.

Imaginem meu pânico. Guardados a sete chaves, se meu pai descobrisse que estava faltando um? Tive um plano.

Esperei alguns dias para ver se o velho dava falta e, então, pus mãos à obra. Peguei a embalagem do sabonete que eu, desavisado, tinha usado, mesmo sem cheiro.

Meti nele um Palmolive, cortei um pedacinho de papelão do tamanho exato da estampa surrupiada e reembalei a preciosidade como se eu fosse um artesão do crime.

Para isso me vali dos ensinamentos de Conhecer e Como Funciona. O tempo passou e, a cada dia, eu esperava a sentença de meu pai: Você é um ladrão!! Nunca fui acusado e relaxei. A cada mês, sempre que eu ia ao cinema (Edna, Terezinha, Jocélia, Valdirene etc...), comprava um Palmolive, substituíva pelo meu sem-cheiro predileto, cortava o papelão, reembalava com maestria e embolsava a estampa. Quando meu pai morreu, no silêncio do velório balbuciei o pedido de perdão. Hoje faço parte da ACCEE [Associação Clandestina de Colecionadores das Estampas Eucalol] e nesse exato momento estou ouvindo minha melodia predileta... *(Ouça)*

Está com tudo e não está prosa

Quando eu estudava inglês e francês no ensino médio o que eu mais adorava eram as expressões idiomáticas.

Ambas as línguas são pródigas nessas firulas linguísticas. Depois descobri que outras línguas também o são. Ouvi dizer que os esquimós usam uma ou duas palavras pra descrever a origem do universo e a conjuntura atual neoliberal. Japoneses, alemães, egípcios e senegaleses, sabe-se lá. Diferente do provérbio, a expressão idiomática e sua derivação simplificada - a gíria - é a revolta das palavras pela pompa do músculo lingual. É sempre bom lembrar que a língua é um músculo: músculo puro. Falar difícil é um esporte das elites. A academia de ginástica da língua é o ensino superior das e para as elites. Que, diga-se de passagem, formam p'ra falar difícil, mas não ensinam a escrever.

Se quiserem comprovar é só pegarem, aleatoriamente, uma petição de advogados de uma página e contem os erros de português. Juízes erram um pouco menos, talvez porque acertam mais nas sentenças a favor dos poderosos de sempre. Mas não é só nessa seara que a pompa lingual sobressai. Nas ciências é igualzinho.

Tentem ler. Na medicina, então! A começar pelas receitas escritas a mão. Agora, escritas pelo computador os erros diminuíram. Mas, por via das dúvidas, vá ler um Laudo Médico de uma página feita a mão. Melhor seriam as expressões idiomáticas se elas fossem usadas em sentenças judiciais para que fossem mais justas e em receitas médicas para que fossem mais resolutivas. Os provérbios também seriam bem-vindos nesses parangolés linguísticos, mas de provérbios trataremos oportunamente. Estou, no momento, atravessado pelas expressões idiomáticas. As gírias, claro, também terão a sua hora. Vivo feliz dessas aventuras semânticas que eu chamaria de romantismo lingual. Primeiro, vamos tentar diferenciar esses malabarismos musculares da boca linguada. Provérbio é transcendental. É uma expressão, geralmente originada da cultura popular, cuja pretensa sabedoria, exemplo, ensinamento ou conselho ultrapassa a sua época. Costuma valer a qualquer tempo por retratar situações habituais das relações sociais nas diversas sociedades humanas ao longo do tempo. O provérbio que diz *“Deus ajuda a quem cedo madruga.”* poderia ser usado desde o início dos tempos em qualquer sociedade humana.

Exceções as há, mas aqui tratamos das expressões idiomáticas. Estas são mais retrato de época, como as gírias. Com as inforredes monossilábicas, as gírias predominam, mas as **idiomatizes**, como gosto de chamar as expressões idiomáticas, não perderam totalmente sua serventia e rebeldia muscular da língua.

Mas, é importante distinguir de antemão que a **idiomatiz** geralmente não tem o caráter de ensino, exemplo ou aconselhamento do provérbio. A **idiomatiz** expressa uma opinião sobre uma pessoa, um fato, uma conjuntura ou qualquer situação que envolva as relações humanas em so-

cidade, num dado contexto histórico e geográfico.

A *idiomatiz* é sempre sintética e quase sempre sarcástica, irônica ou engraçada. Às vezes mordaz, muitas vezes ela ridiculariza. Pode ridicularizar outros ou nós mesmos.

Quando dizemos que o caso Queiroz **“vai acabar em pizza”**, todos os brasileiros sabem que isso é verdade, sabem as razões e pouco podem fazer para mudar a realidade. Essa é uma boa demonstração da *idiomatiz*.

Ela é peculiar ao Brasil, todos sabemos as razões, ela é mordaz e os ridicularizados somos todos nós, brasileiros, que acreditamos que vai mesmo **“acabar em pizza.”**

A *idiomatiz* se aplica às mais variadas questões, do colega sempre vestido de forma simples que aparece de paletó e gravata e ouve a pergunta mortífera: **“IH! Vai fazer exame de fezes?”** à **“barata tonta”** dos nossos governantes na pandemia do Covid-19. É lamentável que não haja músculos no cérebro. Deus não deve ter previsto a Era das Academias de Ginástica. Não há academia que marombe o cérebro dos energúmenos, cuja vocação é viver para ganhar musculaturas em outras paragens do corpo e escolher mal seus governantes, mas como Deus tem lá suas perfeições colocou inteligência no músculo da língua que bem aplica as *idiomatizes* certas nas horas certas para um país incerto. Nesses tempos em que os brasileiros que defendem os direitos humanos estão de **“bola murcha”** e estão intimidados p’ra **“botar a boca no trombone”**, sem poder **“botar para quebrar”**, até por causa da pandemia, assistindo governantes **“cara de pau”**, **“com a corda toda”**, **“deixando o país na mão”**, vamos **“entrando pelo cano”**, vendo as políticas públicas e econômicas **“feitas nas coxas”** mandando o país **“ir para o espaço”**.

Expressões idiomáticas somente não darão conta. Logo apelaremos para os provérbios e as gírias, até chegarmos ao grunhido dos homens e mulheres das cavernas. Aliás, é só por esse detalhe que ministros do meio ambiente, educação, saúde, direitos humanos, relações exteriores, economia e secretários de cultura **“estão com tudo e (ainda) não estão prosas”**: é porque, por enquanto, só voltamos à Idade Média.



Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

As novas morais nas redes sociais

Resolvi dar uma de poetinha. Não a de poetinha maior. Maior é sempre mais do que mais. Mais é rima rica de sociais e das novas morais que imperam por aí entre os anais desse governo de pseudomaiores.

Vinícius é de Moraes e de morais, muitas morais.

Morais monumentais que nos deleitam em gozos fenomenais de poesias colossais. Minha ousadia de tentar poetar é pela falta de poesia em meio à hipocrisia desse governo ermo e sem bom termo.

Vinícius e seus desvarios, cuja rima não encontra os putos que os parios que nos assolam, são bálsamos para náufragos. Houvera algum homem são e digno na diplomacia, local onde Vinícius exerceu sua poesia e a sua alegria para anunciar o novo dia, não estaria aqui o Brasil indo para a rima óbvia. É preciso poesia para suportar essa necrópsia - os defuntos livres dos soluços da inépcia - a inércia da imbecilidade como se essa fosse a última verdade de uma terra plana sem a chance de arredondar e nem de se libertar. Possuído aqui por Vinícius, nessa transgressão, siga seus passos como numa canção, talvez uma missão, sem me preocupar com as rimas de ão com ão e de us com us.

As rimas do poetinha maior eram sempre na medida certa na hora certa na emoção certa como uma mulher flecheira que acerta sua seta num homem acometido de uma paixão arrebatada por uma mulher certa e inacabada que lhe lança a seta derradeira.

Vinícius hoje estaria horrorizado. OH! Não, que horror! Por favor, Brasil, não deixe destruir o amor.

Não deixai, país querido, há tantos séculos ferido e que em louvor à liberdade desejais desvencilhar-se da soberba e da veleidade, tampouco acometer-me deste vocábulo raro que os ratos e os incautos balbuciam bolsonaro. Poeta sem querer, poema rasteiro o sei, mas com as luzes de Vinícius e seus indícios, me animo com as rimas postas nas redes sociais, trazendo as novas morais de famílias tradicionais, com suas idiotices gerais, criadas em de fácinoras currais, de mentiras virtuais e palavras anais.

E por falar em anais, dinheiros na cueca são velhos marinheiros que navegam em águas dos traseiros de embusteiros a se lambuzar em fezes.

E por mais que rezes nada muda a desgraça que nos envergonha, nem a cachaça nem o choro na fronha.

A nos salvar somente Vinicius rindo e transformando essa desgraça num momento lindo. Mas de quê riria o poetinha? Riria de uma vaca incendiada no traseiro, doída pra ser acudida por um boi bombeiro?

Riria ao ofertar à vaca uma rosa grená e ao boi uma rosa guaraná? Não, claro que o poeta não riria.

Não tem graça rir de Jesus na goiabeira nem de Jesus no guaraná da prateleira. Os tempos são de



choro e falta de decoro. Assim nos mostram as redes sociais falando mentiras triunfais e exultando com frases de boçais. Vinícius querido me perdoe e por favor não me atoe, à toa não sou, sou proa de nau sem rumo à cata de uma rima. Não a rima eternizada por você poeta ...

***Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.***

Rimas que despejem as novas morais para mostrar o quanto as morais do poetinha

Moraes retratam um tempo atrás que se nada fizermos não voltará mais...

Rimas que se encontram cotidianamente nos jornais.

Rimas que nos deixam perplexos por parecerem sair das alças intestinais. Rimas que destroem ideais de fazer do país um lugar de conquistas sociais.

Rimas feias, rimas sujas e que acreditávamos que não veríamos nunca mais. Rimas mais chegadas a marginais do que a escalões governamentais.

- ***Ciências chinesas vacinais – Ignorâncias demais***
- ***Cuecas com dinheiros atrás – Corrupções anais***
 - ***Machismos irracionais – Covardias de animais***
 - ***Femicídios a mais – Omissões de órgãos estatais***
- ***Vice com máscaras flamengais – Desrespeitos triviais***
 - ***Deboches presidenciais – Atividades laborais***
 - ***Políticas ambientais – Comportamentos irracionais***
- ***Relações internacionais – Insanidades totais***
 - ***Desempregos brutais – Medidas econômicas mortais***
 - ***Direitos homossexuais – Assassinatos brutais***
- ***Respeito às diferenças raciais – Racismos de lamaçais***
- ***Índios, quilombolas e demais – Genocídio de iguais***

Trabalhadores nas fábricas, nas fazendas, nas lojas e nos quintais. Trabalhadores nas ruas, nas águas, nos minérios e nas reservas florestais. Trabalhadores nas escolas e nos hospitais, juntem seus embornais e levantem seus músculos braços para dizermos juntos:

Chega! Nunca mais!

Uber-Texto

Época de entregas a domicílio. Nenhuma novidade.

Quando as cidades eram horizontais e as pessoas não tinham automóveis as entregas eram a domicílio.

Não sou tão velho assim, mas cheguei a viver o finalzinho dessa era aqui no Recife. E sei que em todas as cidades médias brasileiras era assim. De manhã bem cedo, a sineta do leiteiro acordava a gente p'ra escola.

Sem o leitinho quentinho trazido no galão de alumínio, ninguém ia p'ra escola. Em seguida o grito esperado:

“Padeeeiro”. O pão também chegava bem quentinho.

Escola agora sim. Durante o dia, a sucessão de vozes percorria as ruas do bairro, casa a casa: Tintureiro, Amolador, Verdureiro, Paneleiro, Vassoureiro.

Entregas silenciosas só as dos carteiros. A caixinha coletora das cartas nas portas das casas humildes era a parte mais cuidada da casa. Dos adultos à criançada, a caixinha era sempre olhada por seu buraquinho.

Para nós, crianças, normalmente chegavam os cartões - na Páscoa, no Natal, no aniversário, no Dia das Crianças e quando a gente passava de ano. “Mãe, tem carta, vê se é pra mim!” De vez em quando, nos fins de semana, a alegria da criançada: o Realejo. A música inconfundível e o pássaro que tirava o bilhetinho da sorte era um fascínio. Lembro de um bilhetinho que o passari-nho tirou pra mim, eu devia ter uns 7 anos, e o Realejo me olhou vagarosamente, perguntou meu nome e leu:

“Menino, quando você crescer vai ser jornalista ou realejo, seja muito feliz.” Hoje me lembro que os bilhetes eram entregues às pessoas que tiravam a sorte, mas esse bilhete o Realejo enfiou no seu bolso. Fiquei com vergonha de pedir a ele. Diria mesmo isso? Tanto tempo passado, hoje sou meio jornalista, meio realejo e as duas metades de mim compõem-me. Entrego à Coluna Opinião mais um UBER-texto pensando na era de entregas a domicílio, como se fosse novidade. Assim como lâmina de barbear virou Gillette, cerveja virou Brahma, sabão em pó virou OMO, macarrão instantâneo virou Miojo, recipientes termo-isolantes viraram Isopor e lâ de aço virou BOM-BRIL, as entregas a domicílio viraram UBER-Eats. Este é um UBER-Texto. Já falei por aqui sobre as Estampas Eucalol. Ninguém, na década de ‘60, que tomasse banho com o sabonete Eucalol deixava de aprender alguma coisa sobre história, geografia, ciências, artes e até política.

Do mesmo modo, os que usávamos os orelhões, antes da massificação dos telefones celulares, a cada telefonema (e eram muitos, havia fila em orelhões), aprendíamos alguma coisa nos cartões telefônicos. Um dia ainda falo disso por aqui. P'ra quem não conheceu, eram milhares de informações espalhadas em séries temáticas, muito bem editadas e sempre muito chamativas para um “quero mais”. Além de estampas Eucalol coleciono cartões telefônicos, muitos herdados de

minha mãe que, no final da vida, era colecionadora fanática.

Enfim, UBER-Texto, o propósito deste UBER-Texto.

Guia para os entregadores de UBER-comidas qualquer que seja a empresa responsável:

1 - Entrega de Pizza - UBER-Texto: *“Prezado cliente: a pizza tem origem na Itália. A Itália, na história recente, na figura de Benito Mussolini, é símbolo do berço do fascismo. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, não vote em fascistas.”*

2 - Entrega de Salsichas - UBER-Texto: *“Prezado cliente: a salsicha é comida típica alemã. A Alemanha, na história recente, na figura de Adolf Hitler, é símbolo do nazismo. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, não vote em nazistas.”*

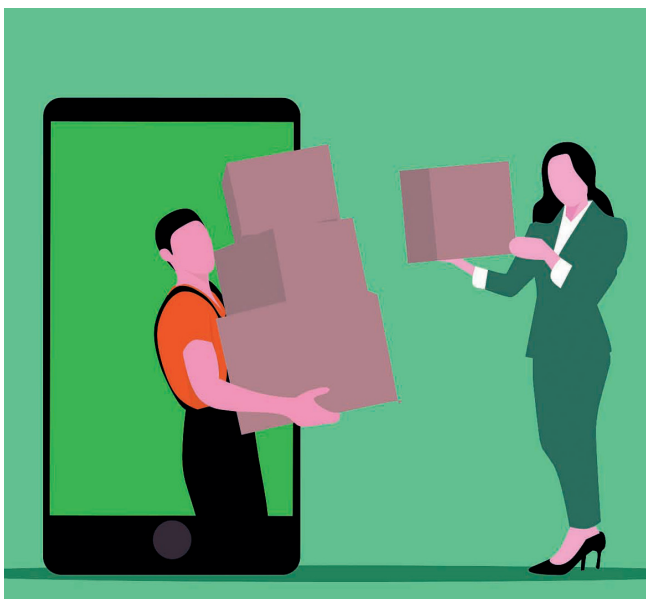
3 - Entrega de McDonald's - UBER-Texto: *“Prezado cliente: a rede multinacional McDonald's, americana, representa o império hoje governado por um psicopata que, mesmo perdendo as eleições, não quer entregar o poder a um democrata. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, não vote em psicopatas.”*

4 - Entrega de comida japonesa - UBER-Texto: *“Prezado cliente: os japoneses cometeram erros ao se associar ao nazismo e ao fascismo e foram punidos covardemente pelas bombas. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, não cometa os mesmos erros, não vote em psicopatas, nem em fascistas, nem em nazistas e nem nos que defendem os covardes lançadores de bombas atômicas.”*

5 - Entrega de comida árabe - UBER-Texto: *“Prezado cliente: grande parte dos países árabes não respeita os direitos das mulheres. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, respeite as mulheres.”*

6 - Entrega de comida chinesa - UBER-Texto: *“Prezado cliente: a China não respeita os direitos trabalhistas. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, respeite os trabalhadores.”*

5 - Entrega de quentinha e comida típica brasileira - UBER-Texto: *“Prezado cliente: o atual governo brasileiro é adepto da culinária anterior. Se quiser continuar usufruindo de nossos serviços, por favor, pense em 2022.”*



2021 e o Boi Voador

Cena 1

1641. Por mera coincidência no dia 31 de março, durante a invasão dos holandeses, foi enviado um projeto para a construção de duas pontes, aqui no Recife.

Entre as grandes obras desenvolvidas pelo “dono” da cidade Maurício de Nassau, as duas pontes sobre o Capibaribe eram as obras mais espantosas. No final de 1642 a obra de uma delas avançava, mas problemas técnicos acarretaram dificuldades e a obra foi temporariamente suspensa. No final de 1643 (24 de outubro), uma carta dos conselheiros da administração holandesa no Brasil, com ironia, indagavam a Maurício de Nassau:

“(...) como não recebemos há muito tempo notícia da ponte faz-nos isto pensar que a mesma nunca será terminada”.

O povo não perdeu tempo... as pessoas passaram a espalhar pelas ruas que seria mais fácil um boi voar, do que a obra da ponte ser terminada... Nassau, tudo indica, ficou zangado e resolveu assumir pessoalmente a obra investindo seus próprios recursos. E realmente conseguiu terminar a obra. Em 1644 (28 de fevereiro), Nassau, para atrair o povo, inaugurou a ponte anunciando que um boi ia voar...

“Para a festa ... mandou abater e esfolar um boi, e encher-lhe a pele de erva seca, tendo posto esta encoberta no alto de uma galeria que tinha edificada no seu jardim. Pediu a Melchior Álvares emprestado um boi muito manso ... e o fez subir ao alto da galeria e, depois de visto pelo grande número de pessoas presentes, mandou-o fechar em um aposento, de onde tiraram o outro couro de boi cheio de palha, e o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, para grande admiração de todos.”

O detalhe: para ver o boi voar, o povo tinha que pagar pedágio pra ir de um lado a outro da ponte vendo o voo bovino. Nassau, além de se vingar da chacota inicial do povo sobre a obra, ainda recuperou o que tinha gasto de seus recursos na obra. E o boi voou e está voando até hoje.

Cena 2

1973. Chico Buarque e Ruy Guerra, revisitam Calabar, o que defendeu os holandeses, tido como traidor da pátria. Chico e Ruy não defenderam o Boi Voador, mas quiseram saber porque a ditadura militar de 31 de março (daí a coincidência) de 1964 reinventou o Boi Voador.

O pedágio da ponte de Nassau para ver o boi voador já era anunciado por Chico e Ruy, desde então. A ditadura brasileira sanguinária tinha lido a história do Boi Voador. Pedágio para não ser preso: ficar calado! Pedágio para não ser morto: ficar calado! Pedágio para não ser torturado: ficar calado! Pedágio para não ver seus filhos sequestrados: ficar calado! Pedágio para não ver milicos estuprarem sua mulher na sua frente: ficar calado e pedir pelo amor de Deus para ela ficar calada. Cala a boca Bárbara

*Ele sabe dos caminhos dessa minha terra
No meu corpo se escondeu, minhas matas percorreu
Os meus rios, os meus braços
Ele é o meu guerreiro nos colchões de terra
Nas bandeiras, bons lençóis
Nas trincheiras, quantos ais, ai
Cala a boca, olha o fogo!
Cala a boca, olha a relva!
Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara
Ele sabe dos segredos que ninguém ensina
Onde guardo o meu prazer, em que pântanos beber
As vazantes, as correntes
Nos colchões de ferro ele é o meu parceiro
Nas campanhas, nos currais
Nas entranhas, quantos ais, ai
Cala a boca, olha a noite! / Cala a boca, olha o frio!
Cala a boca, Bárbara / Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara / Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara / Cala a boca, Bárbara
Cala a boca, Bárbara / Cala a boca, Bárbara...*



Imagem de Square Frog por Pixabay

O pedágio da ponte Rio-Niterói começou logo depois de sua inauguração em 1974, onde morreram centenas de trabalhadores que nunca foram encontrados.

O Boi voou fagueiro a ponto de voltar 330 anos depois.

Cena 3

2021. O Boi Voador reina absoluto. Calabar você tinha razão! Olhou para o futuro e viu que, por pior que fosse, Mauricio de Nassau, era melhor intencionado. Jamais imaginaria que o Brasil ficasse na mão do próprio: o Boi Voador, um energúmeno apoiado pelos donos do Boi do agronegócio, protegido por soldados do século XVII e missionários do século XV. 2021 é um ano que promete. Vamos pagar pedágio para sermos enrabados, perder mais direitos e ainda olharmos o Boi voando, como a multidão de paspalhos de 1641 e da eleição de 2018. Feliz Ano Novo!

Fontes:

Invasões holandesas no Brasil – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

Boi voador – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/o-boi-voador-do-recipe-existiu/>

Arte Do Mal (I)

Fascismo e a Patente do Açaí

Acompanhando nos últimos anos, nas redes sociais, a escalada de comportamentos de caráter fascista que, inclusive, sustentaram a eleição de Bolsonaro e sustentam o atual governo, comecei a me fazer algumas perguntas.

No fundo eu sabia que eles (os fascistas) não surgiram de repente. Eles apenas estavam, digamos, escondidos no armário. “A ocasião faz o ladrão”, diz o provérbio.

Lembrando-me do filme *Arquitetura da Destruição*, de Peter Cohen, que fala sobre a estética nazista de purificação, ‘higienização’ e extermínio do que não fosse a “pura raça ariana”, associada a uma estética militar que destruisse qualquer resquício de impureza, fui averiguar que tipo de arte do mal esculpe um ser humano para que se torne, no momento oportuno, um fascista. Sutis diferenças entre fascismo e nazismo não são suficientes para separá-los. Por ora, manifestações nazistas nas redes (ainda) incipientes e (aparentemente) mais vigiadas são a mais pura (e ainda tolerada) expressão do fascismo. Sabendo que a arte escultural da infância, da adolescência e mesmo da vida adulta é resultado de uma série infindável de fatores - familiares, econômicos, culturais, religiosos, sociais e políticos - fui buscar elementos para entender como foram esculpidos os fascistas das redes sociais. Para seguirem o meu raciocínio sigam minhas premissas e meu roteiro: todo fascista adulto, ativo e militante das redes sociais já foi um bebê, uma criança, um adolescente e, finalmente, um adulto. A esculturação de sua personalidade fascista fora do armário foi feita com vários materiais - aqueles citados - da mesma forma como se faz uma escultura - uma das artes mais antigas da humanidade-. Mas, primeiro é preciso definir o que é fascismo. Para isso utilizei várias fontes que não relacionei para não cansá-los e por não ser especialista.

Ideologia política, nacionalista, autoritária e ditatorial, o fascismo se caracteriza por repressão violenta da oposição política e da imprensa não alinhada, e pela cooptação social de grupos específicos e de grupos econômicos poderosos.

É contrário e repressor de eleições democráticas, liberdade política, cultural, aliada das elites, e subordina o povo como massa de manobra dócil. Seu(s) líder(es), populista(s) utiliza(m) símbolos morais e dos costumes, ligados à religião, à família, à prosperidade, à propriedade, à tradição escravista racial e à subordinação da mulher como elemento reprodutor biológico e social, obediente à ordem masculina do poder. Fascismo é essencialmente masculino.

Representa, com o nazismo, o que se chama de extrema-direita na ordem política. Seu auge como ideologia dominante é o totalitarismo de partido único ou dominante sobre partidos obedientes e disciplinados (Centrão, no caso brasileiro), liderados por um ditador apoiado (ou exercido) por militares. Suas expressões comuns são ditadura, autoritarismo, totalitarismo e tirania. O protótipo fascista de Benito Mussolini da Itália dos anos iniciais do século XX é exemplar, mas é preciso



adaptá-lo às novas relações sociais da atualidade, 100 anos depois. Tomando o Brasil de Bolsonaro vemos que todas as características estão presentes, embora não tenham (ainda) se consumado em sua totalidade. Mas, temos elementos para dizer que seus correligionários defendem integralmente a pauta fascista.

Outra característica do fascismo, a “cidadania militarista”, mesmo fora do estado de guerra, como é o caso do Brasil, é a cooptação de “cidadãos de bem” -

homens brancos ou negros “branquejados” (que questionam o racismo estrutural, como temos exemplo em órgãos do governo), religiosos, preferencialmente evangélicos, conservadores e “defensores” da família, contra os direitos humanos de mulheres e de pessoas LGBTQIA+, milicianos “defensores” das comunidades faveladas, caminhoneiros, jovens de escolas militares e de todas as forças de defesa do Estado, além das próprias Forças Armadas - policiais civil, militar, guardas e bombeiros militares -. Defendem que “cidadãos de bem” (escolhidos pelo governo) tenham acesso irrestrito a armas de fogo, para eventual defesa da pátria (fascista).

Outro exemplo é a criação de escolas públicas militarizadas (projeto bolsonarista em curso), cuja obediência irrestrita à autoridade é o seu objetivo. Na origem, a palavra fascismo vem do simbólico feixe de varas em torno de um machado (fascio em latim/italiano) que Mussolini adotou como sua marca. Já Bolsonaro adotou o símbolo da ‘arminha’ - os dedos em formato de revólver, largamente usados na campanha, inclusive por crianças em seu colo -.

Uma das adaptações “modernas” do fascismo é a adesão ao liberalismo e ao neo-liberalismo. Embora seja contraditório com sua natureza antiliberal, o fascismo pós-moderno, principalmente após a era sangrenta de Pinochet no Chile, como laboratório dos Chicago’s Boys, adotou-o como trampolim cooptador de setores econômicos poderosos, monopolistas, eventualmente corruptos, fisiológicos, ultraliberais anti-direitos trabalhistas, previdenciários e ambientais. Guedes, um dos boys de Chicago, que foi “aluno” dessa escola pinochetiana é o exemplo típico de Posto Ipiranga avançado para colocar combustível nesses setores, até acabar sua serventia e o combustível...

A natureza antiliberal do fascismo é retomada, à medida que o projeto se consolida e a ocupação do Estado é estratégica para sua consolidação. Fascismo é também isso: além do anti-comunismo radical e estigmatizador (quem não é fascista é comunista), tem como hábito trair suas agendas eleitorais sedutoras para públicos mais “ingênuos”.

Outra adaptação “moderna” do fascismo, especialmente no Brasil, é a incorporação de igrejas fundamentalistas (principalmente evangélicas neopentecostais, mas também setores católicos e eventualmente judaicos) na sua governança, delegando a esses setores a chamada pauta dos costumes, com destituição da cultura não religiosa afim e o ataque sistemático aos direitos humanos tidos como heréticos (liberdade e autonomia da mulher, homoafetividade, manifestações artísticas e intelectuais livres e “subversivas”, religiões indígenas e afrodescendentes etc...). Para o fascismo moderno à brasileira essa associação é fundamental, pela pauta coincidente, mas, principalmente pelo tamanho do rebanho - milhões de brasileiros - obediente, disciplinado, pouco informado e persistente. Os movimentos sociais que defendem os direitos humanos são demonizados e é comum a utilização de bodes expiatórios para a reafirmação da liderança e impedimento de desvios do discurso hegemônico do governo. Vimos isso com os ministros Mandetta, Teich e Moro, entre outros casos no atual governo. A expressão MITO também não é casual, faz parte da retórica fascista e é bem utilizada no Brasil.

Também não é casual e nem tão moderna a mentira (atuais fake-news) e o negacionismo (teorias conservadoras de origem racial, étnica, evolucionista e científica).

Tampouco é novidade a manutenção da concentração da riqueza, a diminuição de impostos para os ricos e redução salarial dos trabalhadores, vistas na era mussolinista e agora com o comportamento fascista de Trump e as reformas trabalhista e previdenciária brasileiras.

O cardápio fascista se modifica pouco, apenas acrescenta novas modalidades de paladar. Nunca é demais ressaltar que o fascismo não é uma invenção de Mussolini ou Hitler.

A mistura ideológica que dá a tônica do seu cardápio esteve presente desde as primeiras formas de organização social humana. O que Mussolini fez foi patentear a marca, assim como uma empresa japonesa, em 2003, fez com o nosso açaí. E foi um perrengue pra derrubar a patente...

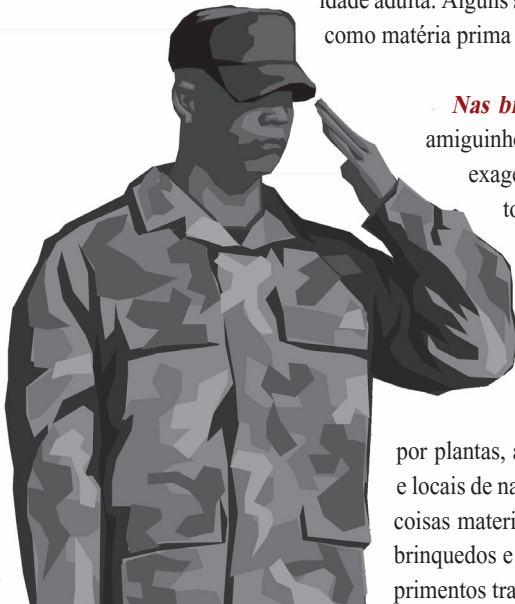
Também não é uma questão histórica do ocidente, é um flagelo ideológico planetário que, como um vírus maligno aparece aqui e acolá de tempos em tempos, por razões que eu estou tentando entender: como se esculpe um fascista?

Continuo no próximo capítulo...

Arte do mal (II) Como se Esculpe um Fascista

Após minha breve introdução ao fascismo, em meu Arte do Mal (I), retomo minha inquietude inicial. Mesmo sabendo que o fascismo é “coisa da antiga”, como goiabada cascão em caixa, tal qual dizem Nei Lopes e Wilson Moreira no belo samba, tristemente constato a diferença - fascismo cada vez mais se acha no Brasil - . Goiabada cascão em caixa já não mais se acha. Era uma das minhas sobremesas prediletas. Meu pai quando ia no Recife Velho comprava várias caixas. Eu ficava quietinho pra não chamar a atenção do exagero... Mas agora não dá mais pra ficar quietinho com o exagero de atitudes fascistas nas redes sociais. E daí a pergunta: por que tantos fascistas saíram do armário com Bolsonaro? Essa história começou quando eu estava, e estou cada vez mais, pensando em que pessoas são essas? Um fascista completo com as características citadas no texto anterior é uma escultura humana do mal. Quem a esculpe? Como é esculpida? Que materiais são utilizados nessa obra degenerada da raça humana? Não há ciência capaz de oferecer uma explicação razoável, tantas são as variáveis. Há um pouco de cada ciência: Psicologia, Antropologia, Sociologia, História, Biologia, Política, Economia, talvez de Veterinária, mas a conta da razão e da causa não fecha. Faço com vocês um exercício olhando para a minha história e das pessoas do sexo masculino com que convivi desde a infância, depois na adolescência e, finalmente, agora na idade adulta. Alguns sentimentos, ainda na infância, me surgem como matéria prima da obra.

Nas brincadeiras: a tentativa de sobrepujar os amiguinhos pela força ou pela mentira; frustração exagerada nas pequenas perdas, com sentimentos de vingança; preferência por folguedos violentos, inclusive em nossa geração tecnológica por brinquedos eletrônicos com violência extremada; tendência a amizades restritas e baixa adesão a esportes coletivos; baixa adesão à leitura, à música e à arte em geral; desinteresse por plantas, animais (inclusive mau-trato de pássaros) e locais de natureza exuberante; inveja de crianças com coisas materiais; dificuldade extrema em compartilhar brinquedos e doar coisas próprias; não utilizar os cumprimentos tradicionais.



No convívio familiar e social: desobediência a regras básicas de cooperação e higiene; discriminação estimulada pelos pais contra meninas, meninos negros e pobres, “efeminados”, pessoas negras e deficientes, trabalhadores braçais; indiferença com as pessoas em geral.

Na Escola: desrespeito e deboche com professores; desinteresse pelos estudos; inclusão no grupo de alunos indisciplinados e brigões; queixas aos pais de advertência dos professores, inclusive com interpelação aos professores por parte desses pais; sentimentos de vingança quando advertido ou contrariado; mania de cuspir nos desafetos.

Na adolescência: narcisismo exagerado; consumismo além de sua capacidade econômica; culto ao corpo e tendência às artes marciais e esculturação do corpo; ostentação entre os colegas e nas redes sociais; admiração por policiais violentos contra “bandidos”; aproximação com a religiosidade mítica por influência dos pais ou de amigos; total desconhecimento da realidade política, por falta de informações literárias, midiáticas e dos amigos; baixa perspectiva de futuro profissional e tendência ao prolongamento da adolescência (adolescência tardia).

Como vocês estão observando estou tratando até aqui de meninos de classe média, com alguma renda familiar, como foi o meu caso em Recife, mas que em algum momento terão que correr atrás e não se sentem preparados, mesmo sem admitir. Agarram-se, a partir da adolescência de soluções mágicas que serão trazidas por “arautos” da felicidade e que lhes darão prosperidade, já agora com a ajuda de Deus e dos Mitos que os guiarão. Serão, segundo eles, futuros empresários, com carro, casa de campo, se possível avião, e que casarão com uma mulher bonita e gostosa para tomar conta da casa e dos filhos. No máximo, poderão seguir a carreira militar - garantia para a vida toda de uma vida em que terão a voz de comando -. Conheci alguns assim que queriam ser coronéis. Dos colegas de infância e adolescência que acompanhei de perto ou à distância, pelas escolas públicas que passei e por minhas vizinhanças, por força de meu trabalho com redes sociais, ainda tenho contato com muitos. Esse perfil de fascista que tracei aqui só não é fake porque me baseei na minha experiência, boa memória e muita conversa com meus verdadeiros amigos.

De todos os que considero fascistas “saídos do armário” - uns vinte - todos possuíam a maior parte das características descritas. Primeiro devo assegurar que todos os ‘mais ou menos’ vinte votaram em Bolsonaro e continuam com ele.

São raivosos nas redes e reclamam comigo porque eu nunca me posiciono. Dos pretensos coronéis, só um é militar - sargento do Exército -, três são advogados (imaginem!), dois são professores (que ironia!) e um é médico, pra mim o protótipo do fascista de livro - receita cloroquina, defende o General e diz que esses números da pandemia são inventados pela imprensa -. Os demais são “empresários de si mesmo” e tem uns dois ou três que eu desconfio mas não sei o que fazem. Escrevo aqui sem medo de represálias porque sei que eles não veem nada além do que seja as redes de ódio. Quanto às meninas fascistas, ainda não sei explicar, mas são em menor número. Se eu descobrir porque eu falo.

Caminhoneiros

Desde que aprendi a ler, uma das coisas que eu mais gostava para exercitar minha descoberta inacreditável era ler os para-choques de caminhão. Logo comecei a anotar algumas frases quando fui atingido pelo raio benfazejo da escrita. A maioria delas eu não entendia direito. Eu já sabia ler, começava nos milagres da escrita, mas ainda não sabia interpretar o que diziam.

Anos depois entendi que eram muito filosóficas, eróticas e enigmáticas para meus parcos anos. Minhas anotações infanto-juvenis perderam-se entre cadernos escolares e bilhetinhos das primeiras namoradas. Perdi. Perdi, mas nunca deixei de olhar para os para-choques.

Já adolescente idoso, em minhas viagens de férias e alguns fins de semana para as praias do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Sergipe e da Bahia, minha atenção na estrada era para choquianna. Vício que não passou impunemente pelo menos uma vez, quando levei um beliscão: “Você só fica olhando a estrada, nem olha pra mim....” Na faculdade fiz um trabalho sobre os para-choques. O professor debochou: “P’ra que serve isso?”

Está comigo até hoje. Não o professor - falo dos para-choques -. Marcelino era um caminhoneiro vizinho lá de casa, eu devia ter uns dezesseis anos. Eu gostava dele e certa vez peguei uma carona no seu caminhão até a Praia de Pipa/RN com um amigo. Até hoje foi uma das melhores viagens de minha vida.

Enlacei-me definitivamente aos caminhoneiros.

Até que um dia, bem mais tarde, eu fui surpreendido pela história com a grande greve dos caminhoneiros que garantiram o golpe de uma das ditaduras mais sanguinárias da história moderna: a do Chile de Pinochet. Duas greves - uma em 1972 e outra em 1973, esta já às vésperas do golpe - que duraram cada uma quase um mês e desestabilizaram o governo eleito pelo voto de Salvador Allende, um médico socialista que tinha um grande “defeito”: ir contra a elite chilena e a defesa intransigente da classe trabalhadora, dos miseráveis e dos despossuídos. Documentos da



CIA [Central Intelligence Agency] americana revelam que o governo Nixon despejou 48 milhões de dólares (câmbio atual) para subsidiar a greve. Os caminhoneiros recebiam pacotes de dinheiro diretamente da CIA, enquanto o leite das crianças chilenas apodrecia nos caminhões parados. A crise de abastecimento parou o país e Allende foi assassinado no Palácio de La Moneda - a sede do governo chileno.

Hoje quando vejo minhas frases de caminhão colecionadas e quando caminho pelas estradas já não tenho entusiasmo pelos para-choques, sabendo que a categoria de caminhoneiros, em sua maioria, apoia Bolsonaro, um eterno enamorado de um golpe no Brasil, no estilo Pinochet. São cerca de um milhão de caminhoneiros para cerca de 2 milhões e duzentos mil caminhões no Brasil. São trabalhadores sofridos, explorados e assediados, fundamentais ao país, sem apoio governamental, mas cujas escolhas são permeáveis a aventuras fascistas, pela rapidez de sua capacidade estratégica de parar o país. Não é à toa que Bolsonaro os corteja, assim como defende armar a população, inclusive, ao que tudo indica, caminhoneiros. Marcelino, meu amigo caminhoneiro, odiava armas e adorava dar carona a mochileiros e andarilhos. Nunca mais o vi.

Espero que esteja bem e sei que não é bolsonarista, como sei que muitos caminhoneiros também não são. Deixo aqui, esperançoso, alguns dos para-choques prediletos....

Se um dia for falar mal de mim, me chame. Sei de coisas terríveis sobre mim. Nasci pelado, careca e sem dente: o que vier é lucro. Tudo que é bom na vida ou faz mal, ou é pecado. Caminhoneiro não é mágico, mas vive de truck. Cana na fazenda dá pinga. Pinga na cidade dá cana. Não sou detetive, mas só ando na pista. Tudo que você usa já esteve em um caminhão. Às vezes, é melhor ficar quieto e deixar que pensem que você é um idiota do que abrir a boca e não deixar nenhuma dúvida. Sou grande porque respeito os pequenos. Mais perigoso que um cavalo na estrada, é um burro no volante. Não é a cerca que segura o boi no pasto, mas sim o capim que ele come. Se não existisse avião e político andasse de caminhão, as estradas teriam melhor conservação. A pior das sextas-feiras ainda é melhor do que a melhor das segundas-feiras. Sonhos não têm pernas, mas você tem. Corra atrás deles. Agradecendo pelo que tenho e correndo pelo que quero. Você faz suas escolhas e elas fazem você. Nenhum caminho é impossível quando se tem motivação. Não temos diplomas, mas aqui dentro somos doutores. Enquanto tiver 1% de chance eu terei 99% de fé. Dê férias para a língua, trabalhe com a cabeça! Pobre é igual barbante: quando não está esticado está no rolo. O cigarro adverte: o governo prejudica a saúde. Jamais argumente com alguém que acredita nas próprias mentiras. Escola enriquece, veja o dono dela. A mãe me chama de cachorro, a filha dela me chama de gato. Rico Saka. Pobre Sakeia. Político Sakaneia!

Se eu tivesse um caminhão, meu para-choque diria:

***DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS: SIM!!
FASCISMO: NUNCA MAIS!!***

Siglês

Ao contrário do javanês que, no início do século XX, só tinha um brasileiro que falava - o Dr. Castelo -, personagem de Lima Barreto em seu conto “O homem que sabia javanês”, no início do século XXI, o siglês é uma das línguas mais faladas no Brasil. Ocorre que o siglês possui inúmeras variantes e cada uma dessas vários troncos linguísticos. O siglês intelectual, utilizado em discursos acadêmicos, pomposos e bem “apessoados”, é tido como o siglês culto, mesmo que os falantes dessa modalidade não se entendam em suas ramificações nos ricos dialetos derivados. O siglês jornalístico, falado em opiniões e notícias da grande imprensa, apesar de tentar aproximar os diversos dialetos sigleses vigentes no país, acaba por reproduzir o siglês culto e desprezar o siglês popular, por razões óbvias de proximidade com o poder determinante do idioma que finge que todo poder emana do povo. O siglês popular, hoje muito utilizado em redes sociais possui inúmeros troncos, com predominância dos dialetos de grupos específicos e de tribos hostis a membros a elas não pertencentes. Sem dominar o siglês é difícil um brasileiro “normal” conseguir se comunicar hoje no país. Hoje, no Brasil, o número de brasileiros que não falam siglês é desconhecido, até porque o Censo do IBGE foi suspenso pelo governo Bolsonaro, mas é tido na casa das dezenas de milhões. No caso do siglês intelectual, com seus vários troncos todos eruditos, é importante ressaltar que ele é completamente incompreensível para o brasileiro “normal”, “médio”, de nível infra-superior, ou seja, inferior, na escala hierárquica da graduação acadêmica, e, principalmente, para os habitantes das periferias, tanto urbanas quanto predominantemente rurais. Um exemplo emblemático é que o dialeto dos intelectuais que defendem os direitos humanos são incompreensíveis para os que falam o siglojuridiquês, o sigloecônômês, o siglopolítiquês e o siglobolsonarês. Para sermos coerentes com a volta à idade das trevas, que estamos vivendo hoje no Brasil, o siglês é a versão moderna da Torre de Babel.

Já que vivemos um pós-dilúvio, em que falar a mesma língua já não aproxima mais os homens da humanidade e da solidariedade, Deus está tomando providências com os dialetos sigleses. Os usuários dos inúmeros



Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

dialetos sigleses, por não se compreenderem entre si, acabam por ser protagonistas de um fim linguístico em si mesmo(s).

Siglês, como se sabe, é uma língua inventada para simplificar. Há muito tempo atrás que nem é muito, mas também não se sabe se é pouco, inventaram-se as siglas.

A intenção pode até ter sido boa, pois os tempos novos de correr atrás daquilo que não se sabe porque tem que se ter tanta pressa, levaram as pessoas a começar a usar ... siglas. Assim, por exemplo, para dizer Eu Te Amo, alguém inventou a sigla ETA. Talvez, na origem, houvesse uma necessidade de guardar segredo, algum amor proibido, ou alguma timidez que se fosse ultrapassada pudesse ser tomada como ofensa, ou mesmo a economia de papel e tinta, provavelmente a causa mais provável, além da “falta de tempo” já citada.

Ocorre que ETA pode ser Escola de Tiro da Armada.

Atualmente, no Brasil, em que o orçamento das Forças Armadas cresce exponencialmente, enquanto o da Saúde, Educação, Habitação, Transporte, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente desabam vergonhosamente a sigla ETA, dependendo de quem fala é temerária.

Fascistas que veem comunistas embaixo da cama e em todos os que discordam de suas ideias devem estar pensando: Em breve ETA. Estarão Todos Assassinados.

Outros, como personagens bolsonaristas da ala anti-meio ambiente, podem usar e usam descaradamente o ETA - Ecologia é Tara de Ambientalista.

Já se vê por aí que sigla serve para vários dialetos e nunca se sabe o que está por trás delas, mesmo que elas sejam já consagradas. Na pandemia, ETA pode ser um retrato da irresponsabilidade e do fascínio pela morte com o uso da cloroquina (ETA: Excelência na Terapia Aloprada). O antigo ETA que provavelmente inaugurou a sigla com o grupo separatista basco, cujo significado é Euskadi Ta Askatasuna (Pátria Basca e Liberdade), no siglês brasileiro é uma sigla desconhecida. Os dialetos sigleses também coincidem em algumas situações.

Por exemplo, quando você precisa falar com um advogado e ele não atende, a mensagem é clara: ETA (Encontro Tribunal Ajuizando). Se for aquele médico que nunca pode atender: ETA (Estou Tendo Atendimento). O professor que não fala com o aluno: ETA (Estou Tratando Avaliação). O amigo que nunca te atende quando você precisa: ETA (Estou Transando Agora). O político em que você votou: ETA (Esperando Terminar Agenda). E os fascistas bolsonaristas quando você responde às fake-news, eles retrucam: ETA (Estou Tiro ao Alvo); ETA (Estou Tomando Annita); ETA (Estou Tendo Alucinações); ETA (Eu Te Arrebento); ETA (Enterro Tua Arrogância); ETA (Explodo Tua Aldeia) Como se vê, o siglês é língua profícua...

Léxicos do Futuro

Imaginem o tempo que levou a construção dos cerca de 7.000 idiomas, hoje existentes no planeta.

Desde os grunhidos do homo sapiens, há mais de 300 mil anos, até chegar ao homo sapiens similar a nós, há 50 mil anos, imaginem quanto tempo leva a construção de um idioma. Cada tribo, cada povo, cada nação construindo a sua própria língua deve ser um exercício muito



Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

divertido, de muita criatividade e, provavelmente, com muitas divergências. Sem falar nas pronúncias diferentes de palavras similares. Imaginem a palavra AMOR nos 7 mil idiomas. Nos poucos que conhecemos a confusão já é grande: amour; amore; love; liefde; dashuri; alhabu; liebe; lyubov; ài; kjærlighet; rakkaus; elsker; maahee-maahee; kärlek; milovat; yêu và quý, entre outros milhares. Até em javanês a palavra katresnan nos surpreende com a diversidade linguística para falar de uma simples, porém fundamental, palavra universal: AMOR. Quantos séculos levaram as tribos, povos e nações para moldarem seus idiomas? Preocupado com a pluralidade linguística de sua cidade natal - Bialystok - na época pertencente ao Império Russo e depois à Polônia, Ludwik Leizer Zamenhof, em 1878, aos 19 anos, apresentou sua 1ª versão daquilo que ele pretendia que fosse uma língua universal: o ESPERANTO. Sua intenção não era substituir os idiomas existentes, mas aproximar as pessoas em suas comunicações orais, mundo afora. Curioso que o ESPERANTO é falado por grupos de pessoas em mais de 100 países no mundo, como língua auxiliar. Outras propostas de línguas novas foram desenvolvidas na literatura, como por George Orwell, em seu clássico 1984 - a novolíngua -: um idioma do governo autoritário para auxiliar no domínio do pensamento.

Qualquer semelhança com o que vemos hoje na internet não é mera coincidência. Também no livro Laranja Mecânica (1962), de Anthony Burgess, [e depois filme de Stanley Kubrick (1971)], o idioma Nadsat é utilizado pelos jovens em situação de violência social. Para que o leitor interprete algumas passagens, o livro traz, ao final, um glossário do Nadsat. As tentativas de imposição de um idioma pela força não estão só na literatura.

Estão na história. As línguas nórdicas, anglo-saxônicas, latinas, desde o império romano e, principalmente, as línguas dos invasores-dominadores-opressores na África e, claro, na América Latina são exemplo disso.

O velho Zamenhof tinha um plano mais generoso com seu ESPERANTO, que, aliás, guarda no seu significado a palavra esperança. A língua que, enfim, obteve êxito como língua auxiliar universal foi o inglês.

Dominação mais sutil por questões imperialistas e bélicas, mas, principalmente, pela tirania das transações de mercado no pós-guerra. É bem verdade que o inglês é uma língua relativamente fácil. Um exemplo é a marcação de uma reunião para uma venda de milhões de dólares, em qualquer lugar do mundo. Ao serem perguntados sobre o comparecimento ou não, executivos milionários conjugam o verbo ir sem qualquer problema.

Mete uma palavra will no meio e tasca: I will go / You will go / He-She-It will go / We will go / You will go / They will go. Se a ligação telefônica estiver abafada basta dizer GOL!

Nem precisa do will. Imaginem a confusão se fosse em português: Eu irei / Tu irás / Ele-Ela irá / Nós iremos / Vós ireis / Eles irão. O problema é que hoje, no Brasil, nossas crianças e adolescentes, para terem alguma chance na vida, ainda nem sabem o português mas precisam saber o tal do inglês. Nessa hora louvo Zamenhof. Todavia, mesmo o inglês está ameaçado. Tratamos do SIGLÊS na última coluna. Este é o idioma que avança a passos rápidos, inclusive passando a boiada sobre o próprio inglês, tal a expressão sem-vergonha do ministro que nos envergonha.

Léxico, como se sabe, é o conjunto de palavras de uma determinada língua e pode ser considerado sinônimo de dicionário. O léxico pernambucano é tão rico que meus amigos gaúchos precisam de intérprete pra conversar.

Isso sem contar o sotaque e a fala rápida do interlocutor.

Mas, tchê, lá nos pampas também existe um léxico próprio bem bacana. O problema é que os léxicos do futuro são uma mistura que explodirá alguns idiomas, entre gírias, regionalismos, expressões idiomáticas, SIGLÊS (que já tratei aqui), cancelamento de palavras politicamente incorretas, inglês tratorado, grunhidos pré-históricos e sons dos homens das cavernas (similares ao do presidente da República), aliados ao abandono do português.

Por exemplo, nesta mesma Coluna Opinião, se ela sobreviver a essa hecatombe lingual das redes sociais e da pretendida homeschooling do atual governo, teremos textos na Coluna Opinião do tipo que se segue...

GLR tô LOL tô ROTFL ; kkkkkk ; rrsrrsrs ; xegô MSG do Mino NSFW ; mandei OMG y ORLY ; PLZ manda aí ; vazô k PAZU vai ser CDT di PT; xefe diçe que BOZÔ FK PT ; SDDS kkkkkk ; rrsrrsrs

Tradução dos escafandristas do futuro

Galera, estou rindo alto e rolando no chão de rir (risos onomatopaicos). Recebi uma mensagem do Mino (mano de baixa estatura) com um conteúdo que não deve ser divulgado no trabalho. Falei Ai, meu Deus! e perguntei se o fato era sério. Por favor diga aí como é isso.

Ele respondeu que vazou a notícia de que o Pazuêlho vai ser candidato pelo PT. O xefe (xerife da galera e almoxarife da munição) disse que Bozonaro (o Rei da época) ficou PuTo. Saudades (risos onomatopaicos)

A Maior Fake-News do Mundo

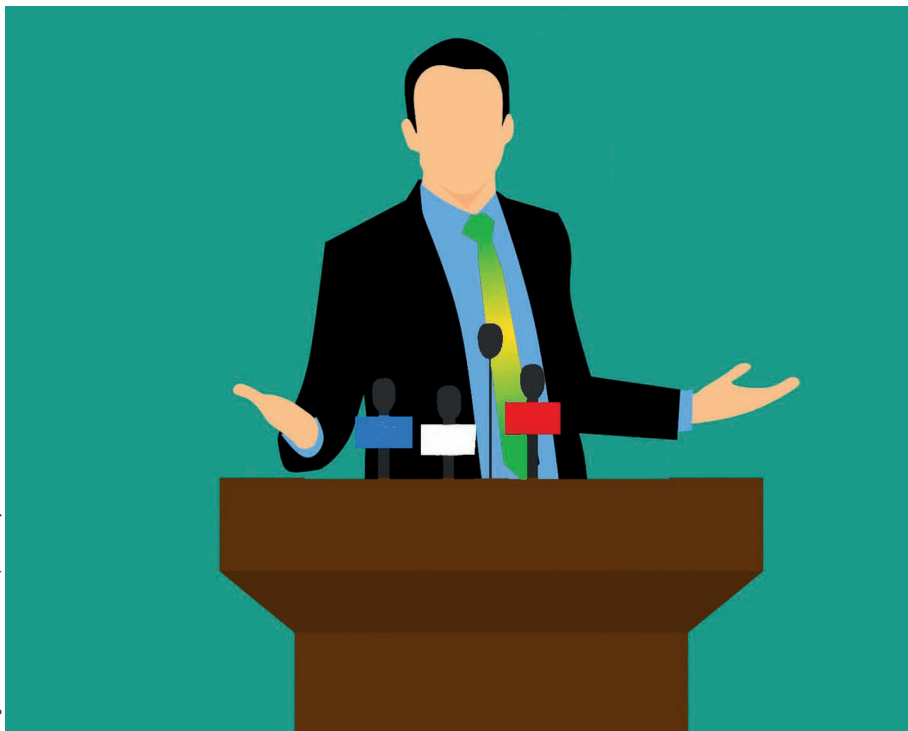
Você, caro leitor, que já se acostumou às fake-news, algumas inocentes que não fazem mal a ninguém e deixa bobalhões e maus elementos, que nada têm a fazer na vida, com a ocupação de propagar mentiras. Outras, geralmente remuneradas, com objetivos políticos de criar pânico na população mais humilde, com a intenção cruel de fazer pessoas inocentes e ingênuas a arriscar suas próprias vidas.

Muitas, inclusive, que induzem pessoas simples a acreditarem que vacina contra o Covid-19 faz homens falarem fino, faz nascer bigode em mulheres, altera o DNA e faz pessoas virarem jacaré. Tem fake-news pra todos os gostos. Tem até aquela que pra defender o governo federal em suas estatísticas mentirosas sobre a pandemia diz que os enterros de pessoas com Covid-19 são simulados e que os caixões estão vazios... Tem um pensamento que corre por aí que diz: “quando você não puder vencê-los, junte-se a eles.” Mas, para fazer isso é preciso nos precavermos e só espalharmos fake-news do B.

Ou seja, fakes do B para o Bem do Brasil. Noel Rosa tem uma música chamada “Mentir”, que assegura que às vezes é preciso mentir. Segue a fake do Noel...

***Mentir, mentir / Somente para esconder
A mágoa que ninguém deve saber
Mentir, mentir / Em vez de demonstrar
A nossa dor num gesto ou num olhar
Saber mentir é prova de nobreza
Pra não ferir alguém com a franqueza
Mentira não é crime / É bem sublime o que se diz
Mentindo pra fazer alguém feliz
É com a mentira que a gente se sente mais contente
Por não pensar na verdade
O próprio mundo nos mente, ensina a mentir
Chorando ou rindo, sem ter vontade
E se não fosse a mentira, ninguém mais viveria
Por não poder ser feliz
E os homens contra as mulheres na terra
Então viveriam em guerra / Pois no campo do amor
A mulher que não mente não tem valor***

Pois, em nome do amor, uma mulher amada me vendo triste com os rumos do Brasil, me passou a maior fake-news do mundo. Mentiu pra que eu ficasse um pouco feliz nessa catástrofe em que nos meteram sem a gente querer. Compartilhe comigo...



Pronunciamento do Exmo. Sr. Presidente da República em 27/02/2020, em cadeia nacional de rádio e televisão:

Meus queridos compatriotas brasileiros e brasileiras de todos os credos, de todas as raças, de todas as etnias e de todas as condições econômicas, boa noite. O Brasil está em alerta e contamos com todos e todas vocês para enfrentar essa ameaça. Uma ameaça ronda o mundo e o Brasil. Ontem foi confirmado o primeiro caso de coronavírus em nosso país. Hoje, o nosso competente Ministério da Saúde confirmou a suspeita de mais 132 casos dessa doença terrível. Todos estão sendo competentemente investigados. Confiamos na ciência e na Saúde Pública. Há pouco mais de um mês a Organização Mundial de Saúde, nossa salvaguarda mundial para proteger a saúde global, anunciou que havia um risco de pandemia. Meus compatriotas, pandemia é uma doença que pode atingir o mundo todo. Pandemias são sempre catastróficas e já ocorreram várias no mundo com a morte de milhões de pessoas. Desde então estamos muito atentos e colocando todas as nossas instituições de pesquisa em saúde e de suporte à saúde pública em alerta total e trabalhando a pleno vapor. É assim que deve se portar um país democrata. Alertamos nossa querida

imprensa para que nos auxilie nessa empreitada do cuidado, monitorando as informações que possam trazer subsídios para aumentar nossa atenção. Temos como suporte essencial o melhor sistema de saúde do mundo: o Sistema Único de Saúde. Sua capacidade de estar nos mais longínquos rincões do Brasil, com a sua vigilância epidemiológica e sanitária, e a sua enorme capacidade na atenção básica e na estratégia de saúde da família já estão alertadas e trabalhando com esmero, dedicação e afinco. O que temos visto acontecer em outros países nos entristece e nos indica que precisamos estar muito atentos. Tudo indica que teremos que fazer em breve uma suspensão rigorosa de todas as atividades produtivas que não sejam essenciais. Atividades essenciais são aquelas das quais a população brasileira não pode se privar. São atividades essenciais aquelas que produzem e distribuem alimentos, aquelas que produzem e distribuem medicamentos, as de limpeza urbana, as de segurança pública e, claro, as de saúde pública e privada. As atividades de transporte para fazerem os trabalhadores chegarem a seus locais de trabalho serão muito bem planejadas, inclusive com a disponibilização de todos os veículos e equipamentos necessários disponíveis. Serão colocadas à disposição da população brasileira todos os veículos das forças armadas e forças auxiliares, inclusive policiais e dos bombeiros, para que os trabalhadores possam se deslocar em segurança total para seus trabalhos. Tudo isso feito com o maior distanciamento possível entre as pessoas, com a utilização de máscaras de proteção facial que serão distribuídas gratuitamente para toda a população brasileira, na quantidade necessária para serem repostas diariamente ou mesmo mais de uma vez ao dia, dependendo da atividade. Receberão, ainda, material de limpeza como álcool gel e outros itens para higiene pessoal. Durante suas atividades, as empresas responsáveis, públicas ou privadas deverão seguir os protocolos de segurança estabelecidos pelo SUS, de acordo com a Constituição Federal de 1988, que estabelece que todas as ações de saúde pública devem ser articuladas pelas três esferas de governo - federal, estaduais e municipais -. Para isso, o Ministério da Saúde e os Conselhos Nacionais de Secretários Estaduais e Municipais de Saúde (CONASS e CONASEMS) estão reunidos 24 horas por dia todos os dias para estabelecerem as regras mais condizentes com a defesa da saúde do povo brasileiro como direito de todos e dever do Estado. Aqueles brasileiros que estejam desempregados ou exerçam atividades autônomas ou domésticas em casas que não sejam as suas e também todos aqueles e aquelas que não possam se locomover, bem como os idosos acima de 60 anos e todas as crianças e adolescentes estudantes abaixo de 18 anos deverão permanecer em suas casas. Todos esses receberão cestas básicas de alimentos e um auxílio emergencial de 1 (um) salário-mínimo, com algumas variações, caso a caso todos os meses. Para essa avaliação estão já mobilizados o Ministério da Economia, a Previdência e a Assistência Social, o IBGE e as instâncias municipais e estaduais responsáveis. Nas comunidades mais carentes e isoladas, segundo os critérios assinalados, os quartéis das forças armadas e forças auxiliares serão disponibilizados para as operações de logística necessárias para todas as

atividades exigidas para o enfrentamento da pandemia, tais como distribuição de alimentos, água, materiais de limpeza, planejamento de transporte e a realização de rastreamento diagnóstico e vacinação assim que esta esteja disponível.

As aulas ficarão suspensas em todas as escolas até que sejam garantidas as condições seguras para que nenhuma criança ou adolescente se contamine e nem contaminem seus entes familiares. Durante o período, qualquer que seja sua duração, as escolas servirão de centro de controle em suas regiões de abrangência para monitorar o ensino à distância ou remoto das crianças e jovens. Para isso enviamos hoje uma Medida Provisória para a criação emergencial de Agentes Comunitários de Educação (ACE). Estes ACE trabalharão em conjunto com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), vinculados ao SUS. Assim, pela primeira vez, no Brasil ACEs e ACSs colocarão a Educação e a Saúde trabalhando em conjunto para garantir as duas mais importantes políticas públicas do nosso país. Finalmente, a partir de hoje vocês verão chamadas sobre a evolução da pandemia, várias vezes ao dia, nas redes oficiais de rádio e televisão, inclusive, contando com a colaboração dos canais privados que dependem de pagamento de adesão. O governo brasileiro está também empenhado em transformar as redes sociais em canais de veiculação de informações para que o Brasil possa ser exemplo para o mundo no combate a esta pandemia que se aproxima rapidamente. Espero encontrá-los todos bem em suas casas e durante esse período de precaução de nosso país até que tenhamos controlado a pandemia comprometo-me a fazer pronunciamentos semanais, ou a qualquer momento, para colocá-los a par das medidas tomadas por um país que busca o respeito de si mesmo. E lembro, nunca utilizem medicamentos ou outras fórmulas mágicas que costumam aparecer nessas ocasiões, como foi na Gripe Espanhola que matou 6 milhões de pessoas no mundo.

Muito obrigado e boa noite.

Provérbios

São poucas as expressões orais que têm a capacidade de se perpetuar na transmissão hereditária-cultural e simbólica de um idioma. Quem de nós nunca usou “minha avó dizia... minha mãe dizia... meu pai dizia... eu tinha um tio que dizia... tive uma amiga que dizia...”? Essas expressões que todos utilizamos antecedem sempre alguma coisa que foi dita no passado e serve para aquele momento, qualquer tipo de momento.

E o que diziam, sempre no passado? Alguns eram provérbios conhecidos, outros apenas frases conexas e sábias que, quem sabe um dia, virem provérbios populares... Diziam sempre de forma metafórica e sintética alguma ideia que desse sentido ao contexto. Em geral esse contexto requer e tem como objetivo um auxílio, um cuidado, um afago, uma justificativa, um acolhimento. O prefixo PRO de provérbio, além de significar o que vem antes - do verbo, da palavra -, significa também para que serve: A FAVOR (PRO). Provérbio - aquilo que é a favor da palavra (do verbo). E, para ser a favor da palavra dita é preciso ser sábio e sintético. Pode conter uma moralidade, uma religiosidade, um dogma ou mesmo um preconceito, mas sempre se aplica ao cotidiano das pessoas. Quando expressamos que “alguém dizia...” exibimos uma reverência à cultura ancestral da comunicação humana. Há na menção à fala proverbial o respeito a quem já viveu situação semelhante àquela em que se pauta o tema da conversa. Traduz, portanto, a ideia da experiência já vivida e serve como sinal de alerta.

Isso não quer dizer que todos os provérbios existam para defender os direitos dos humanos, mas neles sempre existe a transmissão de uma determinada cultura, um sinal de alerta e uma alteridade.

Todos os sentidos que traduzem a subjetividade humana e moldam sua singularidade, de algum modo estão contidos na fala proverbial, em especial quando observamos os provérbios de outras sociedades que têm similaridade com a nossa forma de vida e organização social. E em tempos políticos obscuros, em que a palavra incisiva, verdadeira e decisiva contra o arbítrio e a injustiça, pode atentar contra nossa própria liberdade, os provérbios nos auxiliam metaforicamente para expressar nossa indignação.

Foi assim e é assim nas ditaduras, sejam elas reais ou tentadas, como a que vivemos hoje no Brasil.

Haja provérbios para retratar nossa revolta com a atual ocupação do governo brasileiro por mulheres e, principalmente, homens que nos desonram...

***P’RA QUEM SABE LER UM PINGO É LETRA
(Bolsonaro e sua ameaça incessante de golpe militar)***



***POR FORA BELA VIOLA, POR DENTRO PÃO BOLORENTO
(Eleitores de Bolsonaro)***

QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO

(Para seus parentes e vizinhos que defendem Bolsonaro)



DIZE-ME COM QUEM ANDAS E EU TE DIREI QUEM ÉS
(Para aquela pessoa que você nunca pensou que seria Bolsonaro)



QUEM CALA CONSENTE

(Para os covardes que votaram em Bolsonaro e emudecem)



CESTEIRO QUE FAZ UM CESTO, FAZ UM CENTO
(O cesto de inverdades de Bolsonaro ainda vai aumentar muito)



ACENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO
(Para os ultraliberais que se borram com e por Bolsonaro)



PEIXE OFERECIDO OU ESTÁ PODRE OU ESTÁ MOÍDO
(Tudo aquilo que vem da boca de Bolsonaro)



DIABO QUANDO DESCANSA, AMOLA AS MOSCAS COM O RABO
(Bolsonaro quando fica um dia sem falar besteira)



DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO
(A ocupação do aparelho de Estado por Bolsonaro)



AMIGO DE TODOS, AMIGO DE NINGUÉM
(Bolsonaro e seus amigos do Centrão)



ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA
(Bolsonaro e sua insistência com a mentira)



CHORAR COM UM OLHO E RIR COM O OUTRO
(Bolsonaro quando pede desculpas e disfarça a hipocrisia)



BODE SÓ DÁ CHIFRADA EM QUEM ANDA A PÉ
(Bolsonaro e seus acenos aos excluídos e rebanho evangélico)



MACACO VELHO NÃO PÕE A MÃO EM CUMBUCA
(Para quem ainda tem cérebro contra Bolsonaro)



●
NÃO ADIANTA CHORAR SOBRE O LEITE DERRAMADO
(Para quem ficar esperando que Bolsonaro deixe de ser quem é)

●
CULPADO POR TER CÃO, CULPADO POR NÃO TER CÃO
(Com Bolsonaro você sempre será culpado)

●
GATO ESCALDADO TEM MEDO DE ÁGUA FRIA
(Bolsonaro adora estuprar e matar gatos que miam)

●
É MELHOR PREVENIR QUE REMEDIAR
(Pense em Bolsonaro como alguém que atormenta nossas vidas)

●
CHEGA DE
AMARRAR CACHORRO COM LINGUIÇA

A Filosofia do Esgoto

A filosofia pode até ser vã, como dizia Shakespeare para falar das coisas misteriosas entre o céu e a terra. Todavia, sem filosofia não haveria nenhuma boa conversa de botequim e, em consequência, no lugar de muitos botecos haveria mais igrejas, farmácias, academias de ginástica e pet-shops.

As ruas das cidades voltariam a ter seu sentido latino original: ruga.

Na Roma antiga, ruga (rua) era o sulco no meio da cidade, caminho por onde rolavam as águas. Sem os botecos, as ruas modernas seriam apenas caminhos por onde escoariam as águas das lágrimas das pessoas.

Não haveria a parada no boteco para desafogá-las. Tampouco haveria a convivência dos amigos para chorarem juntos as suas vãs filosofias.

Quando Pitágoras, há dois mil e setecentos anos, apelidou o amor pela sabedoria de filosofia, pretendia, exatamente, declarar seu amor à sabedoria. Que paixão estranha e maravilhosa!!... Amar saber, a partir do pensamento, os significados de existir, seus valores, suas razões, sua origem e finitude e, claro, das misteriosas coisas que, por ainda não saber-se, continuam vãs. É confortante saber que a filosofia é o “coração de mãe” do conhecimento humano sobre as coisas da vida e do mundo. Ou seja, onde cabe tudo. Arte, ciência, religião, política, esporte, amor e qualquer coisa de tudo lá cabe. Por isso todos somos filósofos, inclusive as crianças quando, mesmo antes de falar, expressam seus olhares, ruídos e gestos de contentamento ou desgosto. Estão lá a filosofar à moda infante.

Também temos por hábito citar os dizeres de nossos antepassados, os provérbios, as frases de caminhão, como já vimos aqui nesta Coluna, e até reproduzimos os pensamentos dos próprios filósofos. O pensamento da filosofia limpa, tal qual o que se chama hoje de energia limpa, é um passaporte para o trago, o abraço, o beijo, o conforto e o afeto. O boteco é testemunha. E, como somos todos filósofos, a filosofia não é exclusiva do ocidente. Filosofar é da natureza humana, em qualquer lugar e em qualquer época. Se o homem da pedra não tivesse filosofado, com certeza não estaríamos aqui agora. Mas nem tudo são flores em matéria de filosofia.

Existe uma filosofia que denuncia um conhecimento sobre as coisas do mundo misturado com um ódio ao próprio mundo e às pessoas que o habitam. Não há propriamente uma corrente que dê conta dessa variedade, digamos, de filosofia do ódio. Alguns até classificam esse tipo de filosofia. Adjetivos como “obediência devida”, “desvios de comportamento”, “traumas familiares e sociais”, “discriminação de todas as ordens, como as raciais, de gênero, étnicas, religiosas, xenofóbicas e tantas outras”, “ideologias nazi-fascistas”. Muitos críticos dessa filosofia do ódio chamam-na de filosofia de botequim. Discordo totalmente. Esses críticos não devem ser frequentadores habituais do boteco. A filosofia do botequim é ativa, elevada, solidária, profunda, afetiva, acolhedora. Claro que há exceções e claro que exceções são exceções. Já, a filosofia do ódio que junta a ofensa, a discriminação, o discurso escatológico, a opinião destrutiva, a ameaça, geralmente todas misturadas no mesmo amor pela sabedoria é um embuste. É um escárnio

contra a ideia da palavra. Entretanto, não podemos deixar de considerar que é uma forma de filosofia – a filosofia do esgoto.

A filosofia do esgoto, embora tenha origem internacional, da forma como hoje está expressa nas redes sociais, no Brasil é uma realidade muito presente. Isso se deve ao principal filósofo do esgoto do Brasil atual.

Exemplos da filosofia de esgoto (a céu aberto) devem ser guardadas para que os historiadores do futuro (logo ali) possam classificar melhor as escolas filosóficas. Sigam o pensamento da filosofia do esgoto.

• O erro da ditadura foi torturar e não matar.

• Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também.

• A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo.

• O policial entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado.

• Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as maiorias. As minorias têm que se curvar às maiorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem.



-
- *Eu jamais ia te estuprar porque você não merece.*
 - *90% desses meninos adotados, por um casal gay, vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza.*
 - *Se você tiver um vizinho gay seu imóvel vai ser desvalorizado.*
 - *Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morrem em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro.*
 - *Fui num quilombo em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais.*
 - *Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista.*
 - *Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente.*
 - *Para 90% da população, isso vai ser uma gripezinha ou nada.*
 - *Quando alguém invadir a tua casa, dê tiro de feijão nele.*
 - *Eu ano passado senti mal, tomei um negócio aí pra malária e me curei no dia seguinte.*
 - *As pessoas falam de incêndios na Amazônia ... a floresta não pega fogo, a Amazônia é úmida!*

Esgoto sempre existirá. Sua filosofia também.

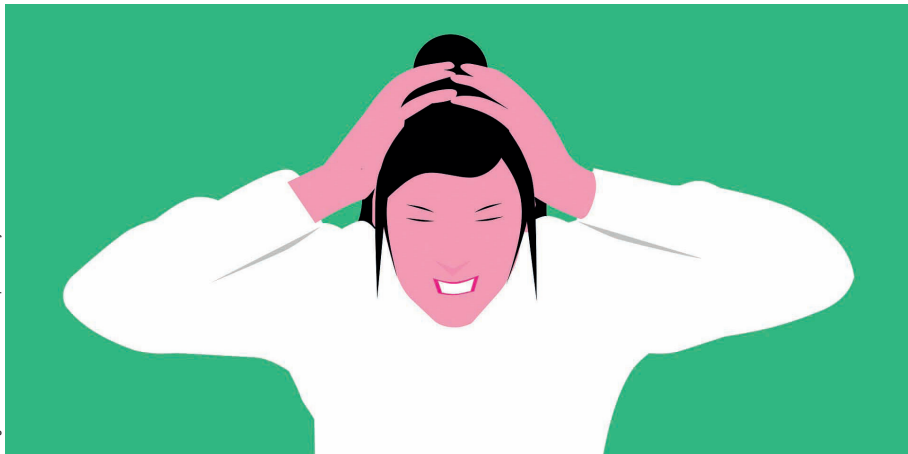
Por isso não coloquei aqui as datas das falas filosóficas, tampouco os contextos em que foram ditos... negacionismo com a pandemia, defesa de armas para um povo armado, racismo, homofobia, misoginia, defesa de um Estado religioso, defesa da tortura e da ditadura militar e tantas outras declarações e atitudes encontram-se registradas nas mídias de todos os tipos.

Ao contrário de uma filosofia que pensa a humanidade, para, em princípio, aprimorá-la, o autor dessas falas será sempre, a qualquer tempo, na história humana, um dos expoentes da filosofia do esgoto.

Psicopata

Você já viu algum de perto? (I)

Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay



Por sermos todos educados, aqui na Coluna Opinião, emitimos nossas opiniões com parcimônia, polidez, argumentos. Este espaço não é como a baixaria de muitas das redes sociais, onde as mentiras correm soltas, a falta de vergonha corre solta, a falta de caráter corre solta, a destruição da humanidade corre solta, o nazismo e o fascismo correm soltos, a pilantragem corre solta e a cara de pau dos políticos com mandato corre solta!!

Mas, convenhamos, o problema não é dos milicianos, garimpeiros, grileiros e empresários da ilegalidade, dos médicos negacionistas, dos militares que desonram a missão do Estado de Direito, dos policiais assassinos, dos juízes mancomunados e muito menos de deputados e senadores que se locupletam e riem na nossa cara, com o auxílio luxuoso de muitos de nossos parentes e vizinhos que gritam Mito para um ser desqualificado.

Minha opinião com a ajuda de minha coluna vertebral, que atualmente se verga ao peso da destruição descarada do Brasil, é que precisamos incluir em algum cantinho deste espaço um debate sobre a mente humana.

Vamos juntos invocar os deuses da psiquiatria, da psicologia, da psicanálise, da bruxaria e tentar entender o comportamento dos psicopatas.

Você já viu algum psicopata de perto? Sei que é uma pergunta difícil de responder, pois há uma certa indefinição conceitual sobre esse tipo de ser humano.

Uma das características do tipo é a perversidade.

Mas não podemos achar que aquele coleguinha malvado da escola, aquele colega traíra do trabalho, aquele vizinho criador de caso são psicopatas pelas maldades que fazem no cotidiano das relações. O psicopata é mais complexo.

Bem mais complexo. Também daqueles com quem não temos relações mais próximas não podemos tirar conclusões definitivas, como os tipos que povoam nossa vida de relação seja através dos relatos de amigos, seja pela mídia, seja pela literatura. Pois, recentemente, tive a rara oportunidade de ver vários psicopatas bem de perto.

Mas, para não ter dúvida e ser correto em minha análise recorri aos conceitos que as ciências da mente humana nos ensinam. Marquei um encontro com um amigo, companheiro de infância e adolescência nas ladeiras carnavalescas de Olinda. Ele pediu que não citasse seu nome. Como médico, psiquiatra e psicanalista ele vem sendo perseguido nos últimos quatro anos, junto à classe médica, por suas convicções políticas e científicas.

As informações que trago aqui me foram referenciadas por ele, inclusive com vasta bibliografia e inúmeras fontes da internet. Todavia, eu não deixei de emitir minha própria opinião e fazer minhas próprias pesquisas. Como as séries hoje estão na moda, peço licença a vocês pra escrever sobre esse tema tão crucial pra nós e para o Brasil, em três capítulos. Que eu tenha a sorte de ser acompanhado por vocês nesta série. Começo este primeiro capítulo falando sobre a minha impressão, como comunicador social, sobre o que é um psicopata. Na minha formação, a grade curricular gira em torno, especialmente, do marketing e das questões estruturantes para um desempenho operacional geralmente voltado para habilidades em comunicação e publicidade em geral. Temas, como criação em computação gráfica, relação com mídias digitais e inovação cibernética, comportamento do binômio consumo-consumidor, arte e estética comunicacional, um pouco de história do campo, sociologia e psicologia da comunicação, entre outras abordagens, e muito muito trabalho prático. A única área próxima do tema da psicopatia - a psicologia da comunicação - por razões óbvias não a aborda. Mesmo nas disciplinas de marketing de relacionamento e emocional; de ambientes digitais e político e eleitoral, nunca ouvi a palavra psicopata na faculdade. Imagino que em outras áreas, mesmo na área da saúde, essa palavra seja mais de corredores e conversas de botequim do que de temas com que lidamos em nossas áreas. É o caso, atualmente, em que lidamos com lideranças corporativas, empresariais, políticas e institucionais cujos comportamentos em tudo assemelham-se à psicopatia.

São comportamentos coletivos que repercutem nas relações sociopolíticas como um todo. É bem evidente, hoje para mim, que não se pode trabalhar a comunicação social, especialmente focada na publicidade, sem considerar o fator psicopatogênico de indução, por parte de lideranças, a comportamentos coletivos que façam aflorar tipos distintos de psicopatias. Um deles, bem simples e mais direto, é a defesa da liberação de armas de fogo. A indústria de armas é o único segmento de produção de bens de consumo que tem como objeto a venda de um produto que tem como único resultado o ferimento ou a morte do outro. Por isso, a despeito da propaganda que se faz sobre a importância de se armar a população, essa indústria (ainda) não é propagandeada ao lado de remédios e automóveis. Estes podem, eventualmente, matar mais do que as armas, mas não é esse o seu objetivo. E onde entra o psicopata nessa história? Simples. A contenção dada pelas relações de direitos e deveres do processo civilizatório não dá ao psicopata a oportunidade de ter à mão um instrumento exclusivo para dar vazão aos seus traços e instintos que as áreas da saúde mental vêm estudando, conforme vamos ver no segundo capítulo desta série.

Psicopata

Você já viu algum de perto? (II)

Um psicopata, em linguagem corriqueira, popular, é aquele tipo que comete assassinatos, muitas vezes, em série (serial-killer), sexo masculino que só é tido como psicopata depois de cometer pelo menos mais de um crime. A frieza e os requintes de crueldade compõem o perfil. Mas existem outras características dessa personalidade complexa. Primeiro que antes de cometer o primeiro homicídio, o tipo já é um psicopata. É bom que se diga que nem todo criminoso é psicopata, só pra não confundir as bolas. O psicopata realmente é, em geral, homem, mas existem mulheres com o perfil bem delineado. Não assisti a novela Caminho das Índias, de Gloria Perez, mas meu amigo psiquiatra me falou sobre Yvone, a personagem-tipo. As atrocidades da personagem configuram parte do perfil: a capacidade de planejar ações para destruir a vida de quem interfere em suas intenções de poder, status e dinheiro, sem nenhum arrependimento ou peso de consciência. Por esse comportamento social, muitas vezes o psicopata é chamado também de sociopata ou, em linguagem médica, portador de transtorno de personalidade antissocial.

Na Classificação Internacional de Doenças (CID 10) é rotulada de personalidade dissocial. Na mesma novela, o personagem Tarso, esquizofrênico, mostra bem claramente a diferença entre uma doença mental clássica e a psicopatia. Esta é voltada para a destruição de outro(s), ainda que não chegue literalmente a matar com as próprias mãos. Meu amigo esclarece que cerca de 4% da população possui esse distúrbio.

Talvez seja um fator atenuante nós sabermos que se, por exemplo, 30% da população vota num psicopata, somente 4% desses são do mesmo tipo. Se você acha que já viu um psicopata de perto, preste atenção nas suas características. Caso a maior parte delas coincida com as do “seu” psicopata você pode afirmar que já viu um psicopata de perto. Um diagnóstico mais preciso da psicopatia é proposto desde 1990, pelo psiquiatra Robert Hare. O Teste de Avaliação de Psicopatia de Hare (PCL-R), aplicado principalmente em pessoas encarceradas, é extensamente utilizado e reconhecido.

Consta de 20 itens. A escala serve tanto para avaliação terapêutica quanto para procedimentos jurídicos, p. ex. ligados ao encarceramento, vinculados principalmente ao potencial de periculosidade. São eles:

- 1. Loquacidade (Encanto superficial)***
- 2. Egocentrismo (Grande sensação de valor próprio)***
- 3. Necessidade de estimulação (Tendência ao tédio)***
- 4. Mentira patológica.***
- 5. Direção (Manipulação)***
- 6. Falta de remorso e culpabilidade.***

-
- 7. Baixa profundidade dos afetos.**
 - 8. Insensibilidade (Falta de empatia)**
 - 9. Estilo de vida parasita.**
 - 10. Falta de controle comportamental.**
 - 11. Comportamento sexual promíscuo.**
 - 12. Problemas de comportamento precoces.**
 - 13. Falta de metas realistas a longo prazo.**
 - 14. Impulsividade. 15. Irresponsabilidade.**
 - 16. Incapacidade de aceitar a responsabilidade das próprias ações.**
 - 17. Várias relações conjugais breves.**
 - 18. Delinquência juvenil.**
 - 19. Revogação da liberdade condicional.**
 - 20. Versatilidade criminal.**

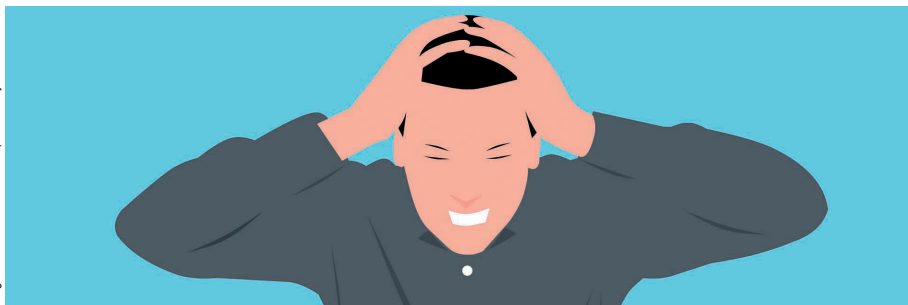
Se você está pensando em alguém que conhece, mesmo sem tê-lo visto pessoalmente, como, por exemplo, na televisão, ou na urna eletrônica eleitoral, não é mera coincidência. Basta contar entre as 20 características em quantas esse ELE (em quem você está pensando) está evidentemente enquadrado. De todo modo, para simplificar nosso rastreamento, existem características típicas que, praticamente, não deixam dúvidas ao ver ou conviver com esse elemento altamente complexo (e perigoso). Em geral os psicopatas são incapazes de estabelecer vínculo emocional, mantendo relacionamentos superficiais e efêmeros. São manipuladores, mentirosos (de forma natural) e fingem sentir emoções mesmo sem senti-las. Sua falta de empatia é direcionada para pessoas emocionalmente vulneráveis e nenhum evento, por mais dramático, é capaz de suscitar-lhe algum ato de solidariedade espontânea e sincera, salvo se houver interesse imediato para alcançar seus objetivos. O seu comportamento impulsivo não considera as pessoas, exceto ao pensar nos prós e contras de suas atitudes para atingir seus objetivos. Cometem quaisquer tipos de atos ilegais desde que proporcionem recompensa imediata para seus objetivos. Creio que o “seu” psicopata que você já viu de perto esteja se encaixando perfeitamente nesse perfil. Outra característica do psicopata é a ausência do controle da raiva. São comuns ataques repentinos e intensos de raiva quando são criticados e as coisas saem de seu controle ou estão fora de seus planos. Essa raiva é intimidatória e exerce um controle quase irresistível sobre as pessoas. E o pior, muitas vezes simpático e carismático, o psicopata costuma causar admiração em alguns tipos de pessoas, independentemente de suas ideias. O psicopata é essencialmente egocêntrico e sempre se coloca no centro das atenções, quando essa estratégia faz parte de seu plano. Consideram-se superiores, donos da verdade e, muitas vezes, apelam às divindades para justificar seu comportamento e são muito narcisistas. Nesse sentido narcísico, as pessoas que o admiram, mesmo que sejam poucas, para ELE representam a maioria do povo que o conhece.

Acompanhe amanhã o último capítulo da série....

Psicopata

Você já viu algum de perto? (III)

Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay



O psicopata não tem remorso. Por isso é quase impossível que se arrependa. O arrependimento não faz parte de seu perfil. Além dessas características, a psicopatia apresenta outras características como estilo de vida dependente de outras pessoas, manipulação, relações sociais de curta duração e realização de atitudes ilegais de forma repetida.

Se você chegou até aqui sem saber se já viu algum psicopata de perto, vou continuar ajudando a lhe esclarecer: É um transtorno em que existe um padrão de desprezo e violação dos direitos dos outros. [...] Em 1941, no livro *A Máscara da Sanidade*, o psiquiatra norte-americano Hervey M. Cleckley popularizou o conceito que descrevia psicopatas como uma espécie de homicidas charmosos e calculistas. Mas os manuais de transtornos mentais sempre evitaram o termo devido à falta de consenso na comunidade médica sobre a precisão do transtorno descrito por Cleckley. Na prática, pessoas que sofrem do transtorno estão mais próximas de políticos corruptos, executivos frios e chefes carrascos do que de assassinos à la Dexter ou Hannibal Lecter. (veja) (grifei...)

Por se tratar de distúrbio mental muito próximo do caráter do sujeito e de gênese determinada de forma imprecisa, o tratamento é muito difícil. Alguns medicamentos eventualmente utilizados têm resultados incertos e de pouco resultado. Como o sujeito-tipo apresenta distúrbios de relacionamento social e de negação de regras do direito comum estabelecidas no processo civilizatório, balizadoras das Relações Estado-Sociedade, parece que o tratamento seria uma recondução do elemento a uma sociabilidade compatível com essas regras. Evidentemente, essa medida terapêutica tem escassas chances de mudar a “natureza” da pessoa.

Palavras e expressões como compaixão, empatia, solidariedade, clemência, altruísmo, piedade, tolerância, alteridade, generosidade, benevolência, reconhecimento de culpa, respeito aos direitos humanos e à diversidade não constam do dicionário do psicopata. Se você já reconheceu o “seu” psicopata que já viu de perto, a ponto de influenciar na sua vida, deve se perguntar: será que lá no fundo, bem no fundo do psicopata, não há algum sentimento humano? Bem, a resposta é simples.

Todos os sentimentos do perfil psicopático são humanos, mas não são encontrados no pequeno glossário acima.

No caso de políticos com mandato, a suspeita (ou certeza com base nos critérios de Hare) não é capaz de servir como impedimento do mandato, pois não há previsão legal no Brasil.

Para um psicopata perder o mandato, é preciso configurar (pelo menos) um crime e seguir o trâmite legal. A questão é que um crime que não é executado pelo elemento com as próprias mãos e, se possível pego com a boca na botija. Recentemente, no Rio de Janeiro, o vereador Dr. Jairinho perdeu o mandato pelo crime do menino Henry. O elemento foi e é tido por muitos como psicopata, em virtude de muitas das características descritas. Um caso famoso foi o do deputado federal Hildebrando Pascoal. Cassado em 1998, o político, ex-Coronel da Polícia Militar do Acre, liderava um grupo de extermínio e ficou conhecido como o deputado da motosserra, um dos instrumentos utilizados para eliminar suas vítimas, com requintes de crueldade. Parece haver um consenso de que esse elemento era um psicopata típico, desses que faz a “sua justiça” com as próprias mãos.

Atualmente, no Brasil, a palavra tem sido ouvida muito frequentemente em artigos, entrevistas, audiências, laives e oficinas, CPIs para definir comportamentos absolutamente antissociais de vários políticos, incluindo o mais alto escalão da República. Com a Pandemia do Covid-19, os motivos da profusão das expressões psicopatia/psicopata e sociopatia / sociopata devem-se à defesa de pontos-de-vista desses elementos que divulgam notícias falsas, posicionam-se contra os direitos humanos, contrariam as evidências científicas sobejamente comprovadas e assumem comportamentos pessoais que contrariam os regramentos e legislações estabelecidos para a proteção da população. A nota antissocial mais marcante é que essas situações são criadas por esses elementos políticos em solenidades e eventos oficiais, contrariando regras institucionais e até mesmo internacionais. Mas é bom salientar que mesmo antes da pandemia, os sinais de psicopatia já eram visíveis em muitos desses políticos, como por exemplo, na defesa da tortura. A depender do cargo político ocupado por um elemento-tipo, as situações põem em risco o Estado Democrático de Direito.

Na primeira semana de setembro de 2021, fui pagar uma dívida com a irmã de minha mãe, tia Zenaide, que mora em Caruaru, distante uns 130 km aqui de Recife. Estava devendo à tia uma visita de carinho. Ela é minha meio-mãe, mas a sempre falta de tempo e a pandemia fez o tempo correr. Depois da recepção amorosa com bolo de rolo e muita conversa boa de fazer o coração sorrir fui ver uma motociata do presidente da República. Nunca fui bom de cálculo, mas calculei que no percurso, onde estava a maior concentração de pessoas, que fui acompanhando com a maior tolerância possível contei umas 350 pessoas assim, digamos, mais entusiasmadas, com camisas, bandeiras, gritos histéricos etc. Isso fora os duzentos e vinte motoqueiros que contei. Após o episódio recorri ao meu amigo médico e ele me confirmou: calcule 4% de psicopatas na motociata, entre os motoqueiros e os mais efusivos com o “mito”. Por isso garanto: eu já vi de perto 23 psicopatas ou, no mínimo, altamente suspeitos. Ainda bem que são poucos, mas por via das dúvidas que Deus nos proteja deles....

Nota final: Agradeço a paciência de vocês e ao meu amigo que me forneceu inúmeras fontes de informações e reflexões esclarecedoras. Até breve!

Profissões do Futuro

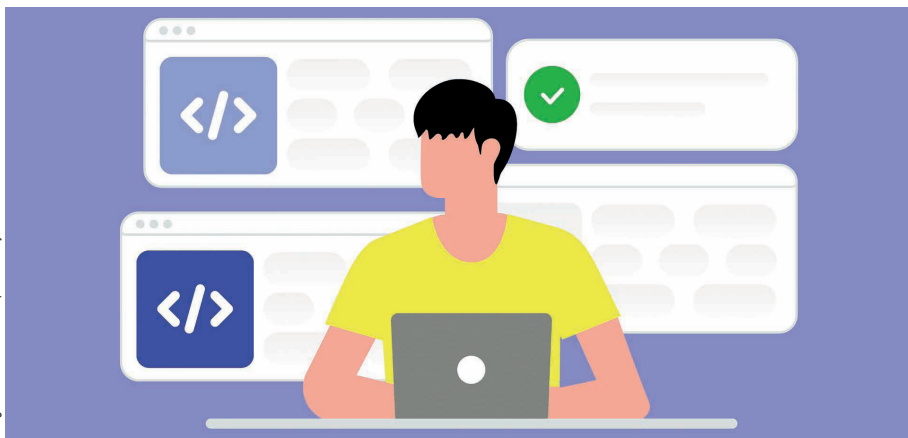
Recentemente, pesquisando os textos na área do aluno do Blog Multiplicadores de Visat, encontrei um pequeno artigo de 1991, de Vasconcellos e Oliveira (veja).

Os autores escrevem um ensaio ficcional de como poderá ser a reposição do desgaste operário no futuro, realizada por uma máquina – a RWM. No longínquo ano de 2.417, as profissões listadas pelos autores me fizeram pensar em algumas possíveis profissões num futuro bem mais próximo, algo para daqui a 20, 30 ou 40 anos. Se, em 2.417, as principais profissões consideradas pelos autores eram seis – **PILOTO DE AEROSPACE; MECÂNICO QUÂNTICO; OPERADOR DE REDE MICRO-CELULAR HIDROGÊNIO TÉRMICA; COSMETOLOGISTA DE ROBÔ ADVANCED; CRONOBIÓLOGO; BRITADOR DE ASTERÓIDE** –, no meu exercício mais próximo do futuro são muitas mais as profissões, que logo logo serão hegemônicas.

Minhas previsões são menos ficcionais e mais realistas, pois com a precarização do trabalho, cada vez mais avassaladora e a mudança radical dos costumes e da comunicação humana, são inúmeras as profissões emergentes (enquanto outras desaparecem ou estão em vias de desaparecer...).

Algumas já estão aí consolidadas, outras começam a se firmar e muitas logo surgirão, a considerar o andar da carruagem. Ousamos uma pequena classificação das profissões de um futuro próximo. Infelizmente a frequência de termos em inglês domina as novas profissões (o que é uma pista de nossa colonialidade).

Na área da internet operacional muitas profissões já são consolidadas (profissionais diversos de hard e software, logística e suporte, programadores, operadores em geral, digitadores, designers, planejadores e tantos outros).



Acompanhe algumas futuras profissões prováveis nessa área: **CARTOMANTE DE ALGORITMO; BERÇARISTA DE NATIVOS DIGITAIS; ARQUIVISTA DE COISAS DA INTERNET DAS COISAS; SERIAL HACKER; NÃO POETA DE METAVERSO; HALTEROFILISTA DE BIG DATA...**

Já na área de Comunicação Social e das famosas e ubíquas Redes Sociais muito já existe (youtubers, influencers, tiktokers, instagramers, facebookers, coaches, podcasters, telegramers e vai por aí...). O que podemos esperar num futuro próximo nessa área? **GESTOR DE FAKES; DISPARADOR DE ROBÔS DISPARADORES; CONSULTOR DE ESCOLHA DE REDE; TRADUTOR DE NEOLÍNGUAS ON-NET; GESTOR DE ASILOS PARA VICIADOS...**

E por falar em viciados, na área PSI, que engloba tudo o que achamos que cabe, inclusive animais, as profissões futuras serão muitas e, provavelmente, serão as mais bem remuneradas: **PE-TPSICANALISTA LACANIANO; PSICOPETIANALISTA FROIDIANO; ESTETICISTA MENTAL; MASSAGISTA DE EGO; CANCELADOR DE ALTERIDADE; TELELOBOTOMISTA; CARCEREIRO DE MENTES ERRANTES...**

No campo das políticas públicas, hoje no Brasil, chafurdando no lamaçal da destruição, do desmonte institucional, da falta de vergonha e da destruição do futuro, o futuro das profissões é mais promissor, bem mais... Saúde, Educação, Habitação, Transporte, Ambiente, Direitos Humanos e Políticas Sociais em geral ... vejamos.... **UBER-COLETOR DE MORADORES DE RUA; INSTRUTOR DE APRENDIZ DE ESTAGIÁRIO; CORRETOR DE IMÓVEL/HABITAÇÃO VIRTUAL; SOCIAL KILLER; MONTADOR ELETRÔNICO DE CEO [CHIEF EXECUTIVE OFFICER]; PASTOR NEO-PENTY-COST- FINANCIAL; VOLUNTÁRIO PROFISSIONAL DE CATÁSTROFES ANUNCIADAS; EXPORTADOR DE HUMAN-BODIES-TRAFFIC; GARIMPEIRO PÚBLICO FEDERAL DE TERRAS ILEGAIS; INSTRUTOR DE TIRO INFANTIL NA CABECINHA; LOCADOR DE CALÇADAS E BURACOS DO METRÔ; OPERADOR FEDERAL DE ABERTURA DE COVAS E INCINERADORES; TATUADOR DE VÍSCERAS; AGROPREDADOR DE SUBSTITUIÇÃO DE INDÍGENAS POR VACAS; NEOMÉDICOS NÃO MÉDICOS; DEMOLIDOR FEDERAL DE DIREITOS HUMANOS; PERITO PREVIDENCIÁRIO DE SUPORTE CUMULATIVO PATRONAL; AUDITOR FISCAL DO TRABALHO IMPEDITIVO DO CAPITAL; VIGILANTE SANITÁRIO DA SAÚDE DO TRABALHADOR NA VIGILÂNCIA DOS SANITÁRIOS; EPIDEMIÓLOGO DE DOENÇAS NÃO VINCULADAS AO TRABALHO; CANTOR SERVIDOR-PÚBLICO-TANEJO AGROPOPFEDERAL...**

Ora, pessoal, faltam tantas profissões nesta lista. Ajudem a completá-la. Alguns MEI [Micro Empreendedor Individual] já estão contribuindo, mantendo a sigla e mudando o significado: MEI – Minha Esperança Implodiu – ou MEI – Meu Eu Inexiste –.

A ficção imita a realidade.

Referência:

Vasconcellos, Luiz Carlos Fadel & Oliveira, Luiz Sérgio Brandão. RWM - A MÁQUINA / Um ensaio (futurista) sobre a reposição do desgaste operário. ENSP/Fiocruz/RJ: 1991.

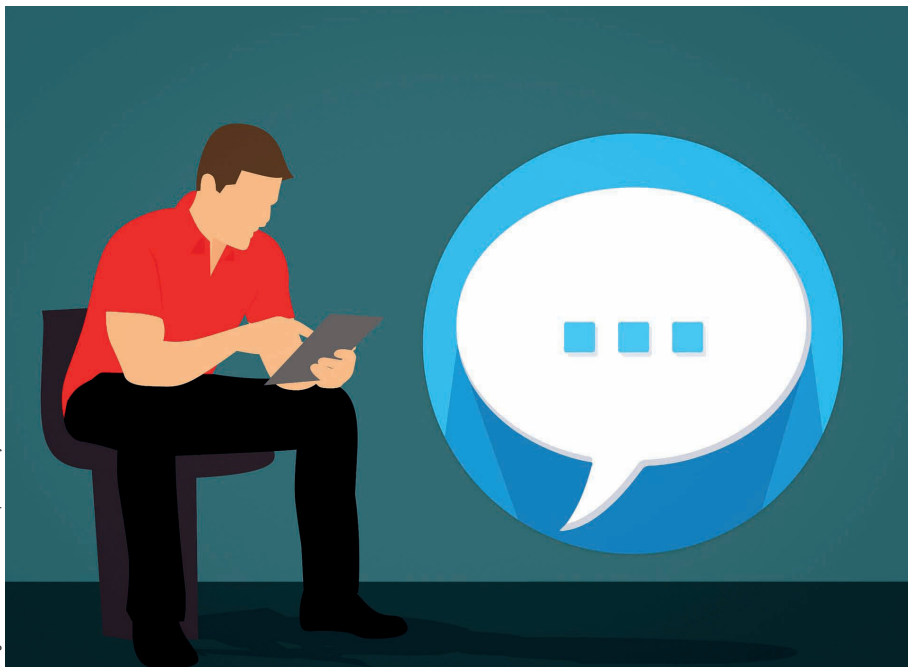
Imbrocháveis e Enrabáveis Curiosidades da Língua Portuguesa

Cada idioma tem seu charme próprio, suas nuances, suas diabruras... mas a língua portuguesa é imbatível na criatividade... Principalmente quando é falada por políticos, em especial os de caráter duvidoso. Sugestão aos enciclopedistas: precisamos urgentemente de uma memória escrita sobre essas riquezas linguísticas dos políticos brasileiros. E como sugeriria o saudoso Odorico Paraguaçu: ***“enciclopedófilos não esqueçam que esta obra entrará para os anais e menstruais de Sucupira e do país.”*** O criativo ministro Antonio Magri, do não-saudoso governo Collor, poderia abrir a suposta obra literária. Em uma visita ao veterinário, em carro oficial, para levar sua pet, Magri justificou: ***“A cachorra é um ser humano, e eu não hesitei.”*** O mesmo ministro popularizou a palavra imexível: ***“O Fundo de Garantia para o trabalhador sempre foi imexível e continuará imexível.”*** Bolsonaro talvez atualizasse a frase: ***“O Fundo de Garantia é imbrochável.”*** Já Odorico reagiria prafrentemente: ***“Vamos dar uma salva de palmas a estas figuras trepidantes e dinamitosas.”*** O ministro Magri talvez relembresse de sua frase: ***“Penso muito durante meus momentos de solidez.”*** Momentos que devem ter sido frequentes após a defenestragem de seu chefe Fernando Collor, o mesmo que dizia que tinha nascido com ***“aquilo roxo”***, para dizer que não tinha medo das manifestações contrárias a ele. Isso foi em 1991, num discurso em Juazeiro do Norte, ao lado do então governador do Ceará Ciro Gomes. Collor só esqueceu de explicar o que era “aquilo roxo”. Aquilo roxo pode ser um artefato biológico abaixo do aparelho de fazer pipi ou pode ser um artefato biológico de fazer cocô. Ambos estão situados na mesma linha abaixo da cintura, um na frente outro atrás. A dúvida persiste até hoje: roxo de nascença ou roxo de traumas continuados?

Valentias verbais eram, sim, de nascença. E, às vezes, acompanhadas de tiros, caso do pai do Collor - Arnon de Mello - que ao atirar num desafeto matou, dentro do Senado Federal, um senador que não tinha nada a ver com a controvérsia. Isso foi em 1963 e o assassinado por engano - José Kairala - estava acompanhado do filho, da mulher e da mãe que foram prestigiá-lo em seu último dia de mandato.

Naquela época, os imbrocháveis podiam entrar armados no parlamento brasileiro. Coisa que, provavelmente, deve ser da simpatia do imbrochável atual. Hoje é proibido, mas quem sabe será liberado com a eventual reeleição do imbrochável?

Odorico, sem revelar de que lado está, diria com sua sabedoria política: ***“Vamos botar de lado os entretanto e partir logo pros finalmente.”*** Atualmente, apesar do empobrecimento da língua portuguesa nas redes sociais, a criatividade não se esgota.



Os rs rs rs rs e KKKKs, selfies sem legenda, tiktoks com dancinhas ridículas averbais e outros destrambelamentos modernosos não impedem a pujança da língua (sem duplo sentido).

Muitos são os termos que, embora não sejam inéditos, ganham a chance de terem os seus dias de fama. Alguns compõem frases eternas de rara beleza. É o caso da frase desferida pelo deputado Zeca Dirceu ao famoso Posto Ipiranga, aquele que na loja de conveniência tem tudo menos justiça social, o impronunciável ministro Paulo Guedes ... rotulado com a mais precisa correção linguística: **“tigrão com os aposentados, agricultores e professores, e tchutchuca com a turma mais privilegiada do país e os amigos banqueiros.”** Obra-prima da língua portuguesa, a frase, ao ser desferida também, adaptada para o imbrochável, prova que deverá ir para os anais e menstruais da enciclopédia: **“tigrão com as mulheres e tchutchuca com homens...”** ou ainda **“tchutchuca do centrão.”** O centrão, como sabem, é o orifício alargado à direita que, de tão arrombado, chega ao centro (secretamente e com sigilo de 100 ânus). Antes que Odorico diga que **“isto deve ser obra da esquerda comunista, marronzista e badernenta...”** é importante assinalar, nas próprias palavras de Odorico que... **“isso me deixa bastante entristecido, com o coração afogado na daceptude e no desgosto. Numa hora em que eu procuro arrancar o azeite-de-dendê do estágio retaguardista do manufaturamento (...), me vêm com esse acusatório destabocado somente porque meia dúzia de baiacus apareceram mortos na praia.”** Mas, como nem tudo é perfeito... **“Nunca antes neste país”**, outra pérola da verborragia linguística, exagerada tantas vezes e inconsequente tantas

outras, acompanha nossas desventuras... Por exemplo, fava foi uma palavra tornada célebre pelo eminente Jarbas Passarinho, ministro do “Trabalho e Previdência Social” (será?), durante a promulgação do Ato Institucional Nº 5. O mesmo ato que destróçou a democracia no Brasil e jogou nas masmorras sujas das forças armadas jovens idealistas para serem torturados, estuprados, despedaçados e, enfim, mortos, para deixarem de sofrer nas mãos de covardes. Covardes, como Brilhante Ustra, o herói-ídolo do imbrochável. Fava é uma leguminosa, com caule ramoso com mais de um metro de altura, folhas grandes e formato elíptico, flores brancas ou rosáceas e vagens longas comestíveis variadas. Já “às favas”, no sentido jarbas-passarinheiro é DANE-SE, FODA-SE e outras expressões impúblicáveis mesmo num espaço de discussão da língua portuguesa. Confira a fala do ministro que, por triste coincidência, tem o nome de passarinho: ***“Às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência.”*** E o momento era o da decisão entre a escrotidão humana e a dignidade humana. A língua portuguesa é inesgotável.

Por exemplo, a palavra enrabável é (aparentemente) desconhecida dos dicionários, embora todos saibamos do que se trata. Tudo indicaria que uma pessoa machista imbrochável jamais poderia ser uma pessoa enrabável.

Ledo engano ... a linguística aceita contradições.

É absolutamente possível que um imbrochável seja enrabável.

As dúvidas e contradições semânticas serão dirimidas pelo
TSE – Tribunal Superior Eleitoral.

A verdade sobre os frasicídios

Sempre observei que as frases fazem parte de etnias linguísticas que convivem, entre si, no limite da tolerância. São as etnias frasais. Algumas chegam ao nível de prepotência e arrogância por acharem que são superiores às outras. São muitas as etnias frasais estudadas pela antropologia semântica (antropossema) e muitas ainda não foram classificadas por não terem contato com a civilização. Das etnias frasais mais conhecidas destacamos as jornalísticas, literárias, científicas, acadêmicas, infantojuvenis, poéticas, jurídicas, economicidas, governamentais, internéticas ... sem esquecermos que existe um número desconhecido delas. Um problema detectado pela antropossema é que cada etnia possui inúmeras tribos que se desentendem entre si. Em alguns casos, as etnias frasais deixam de ser adversárias para se tornarem inimigas, inclusive dentro de sua própria etnia. Em virtude dessas discórdias frasais, em tudo semelhante às da raça humana, tive a chance de participar da organização do I Congresso Antropossêmico das Etnias Frasais de Recife/PE.

Não esperávamos uma grande participação das diversas etnias frasais mas, mesmo assim, a intenção era saber quais as razões de tantas discórdias. Durante o congresso, fizemos uma enquete



com as diversas etnias e elas foram bem objetivas, mas algumas pediram anonimato nos casos em que pudessem ser ameaçadas. Em virtude da gravidade de algumas declarações, algumas etnias frasais temem retaliações, como ameaças de estupro e assassinato, especialmente por parte das etnias internéticas dos subgrupos FkN e KKK. Estupro e assassinato, é bom esclarecer, são dirigidos à gramática e à própria língua portuguesa.

A pesquisa descobriu coisas interessantes. A seguir apresento algumas das razões da discórdia interétnica frasal. O resultado listou cinco categorias de análise, com respostas comuns a várias etnias..

1ª Empolgação - Principalmente as etnias jurídicas e economicidas são tidas como empoladas. Etnias acadêmicas, científicas e literárias também são citadas, mas com a ressalva de que o fato de não serem compreendidas não é proposital. Já o juridiquês e, mais ainda, o economicidês são etnias frasais de índole belicosa que têm a intenção de provocar reações para ridicularizarem as outras. Algumas chegaram a declarar que essas etnias belicosas, além de não dizerem objetiva e absolutamente pra que servem, são escandalosamente enfadonhas.

2ª Ideação suicida - Um fator muito citado é o suicídio frasal. As frases suicidas comprometem toda a etnia pois são tidas como representativas daquele grupo étnico... São duas as modalidades:

a - Ideação suicida verbal, cujas frases não possuem verbo. É típica da etnia internética mas pode ser encontrada com bastante frequência na etnia acadêmica. No caso da etnia poética, em geral, a construção frasal não é considerada suicida, por razões estilísticas e estéticas;

b - Ideação suicida sem testemunho, cujos parágrafos têm mais de dez linhas, ou menos, caso o leitor não tenha a chance de respirar.

É típica da etnia acadêmica, mas pode ser encontrada também na literária, na jurídica e na economicida. A denominação se deve ao fato de que o leitor normalmente não chega ao final do parágrafo e, por isso, o suicídio frasal é consumado sem testemunho. A ausência de testemunho pode levar à suspeita de assassinato do texto inteiro.

3ª Femicídio da crase - Uma das maiores razões dos conflitos interétnicos frasais é a crase. Ela sofre, desde que inventaram a língua portuguesa escrita, a covardia dos textos. Ao serem identificados pelo gênero masculino, os textos reproduzem a violência de gênero. São várias as etnias que cometem essas aberrações, mas as principais são as acadêmicas, internéticas, governamentais, poéticas e, em menor grau, jornalísticas. O gênero feminino das palavras frase e crase são a prova da infâmia que culmina com o femicídio da crase e até a morte da frase. Um parágrafo com 3 crases vítimas praticamente decreta a morte da frase. O machismo frasal, devido à sua inferioridade léxica e sua vocação assassina, se vinga na letra A, que define o gênero feminino.

4ª Humilhação da vírgula - Como vimos, grande parte dos conflitos interétnicos frasais são provocados pelo machismo textual estrutural. Essa anomalia pode ser classificada como distúrbio semântico-discursivo de referência textual sob o prisma linguístico sistêmico-funcional. O caso da vírgula é exemplar. Ao reproduzir o machismo estrutural, os textos colocam a vírgula em lugares

inadequados, subjugam a vírgula separando verbos dos sujeitos, deixam de utilizar suas qualificações onde ela deveria estar. São provas de que a discriminação interétnica frasal de gênero coloca a vírgula em desigualdade textual somente por ser feminina.

5ª Danação das ausências - Embora as etnias internéticas sejam espécies de serial-killer das ausências, as demais etnias participam dessa modalidade. Ausência de preposições e de letras, ausência de plurais e de acentos, ausência de pontuações e até de sentidos ...

o leitor deve estar munido de caneta, tolerância e perseverança.

Resultados

No cadafalso ortográfico da pesquisa, uma das principais revelações é que ela não serve p'ra nada. O frasicídio veio p'ra ficar. Novas modalidades de crime serão cometidas.

No patíbulo dos crimes contra a língua portuguesa os condenados serão os que lutam por sua reabilitação ou ressurreição,

já que a sua manutenção é praticamente impossível.

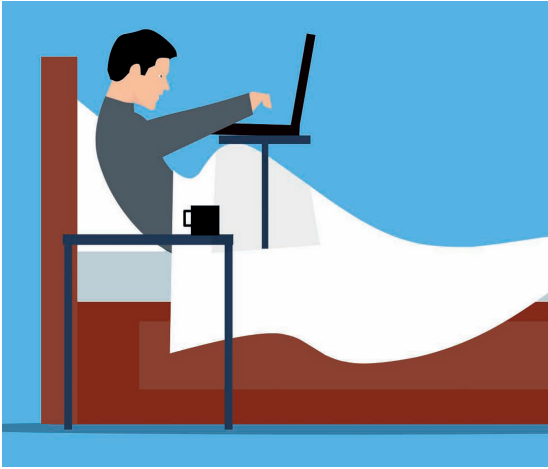
Seja pela força ou pela guilhotina, todos os que tentam,

a todo custo, dirão ao receber a sentença:

Morro por uma causa que um país sem educação não preza. Um país sem escolas, que não cuida de sua língua e que não ama suas crianças é um país perverso e falido.

Anagramas em Garamansa

Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay



Eu ainda não tinha visitado Jéssica, a filha de Consuello, minha amiga, música, jornalista aqui entre nós. Jéssica ainda não caminha, mas já dança, e é uma graça. O reencontro foi tão agradável que exagerei no vinho. E quando bebo vinho à noite não dá outra: tenho pesadelos. E o pior, fico completamente sonambulizado e escrevo um monte de coisas (tenho papel e caneta na minha cabeceira). Às vezes entendo minha letra, às vezes não. Como tenho bebido mais frequentemente, geralmente não en-

tendo o que escrevo no intervalo dos pesadelos. Dessa vez sonhei com o chat GPT. Foi traumático e ameaçador. Ele era um brutamontes, enorme, enrugado, com os dentes à mostra, voz grossa e barba por fazer. Na minha frente parecia um muro intransponível. Atrás de mim tinha um espelho côncavo, também enorme. Na frente do espelho uma cadeira que eu não senti p'ra não ficar menor. Sua voz de trovão me intimidou: Diga o que deseja de mim... DIGA RÁPIDO!! Quase acordei mas me saiu espontaneamente: Escreva um texto feito de anagramas...

Ele deu uma gargalhada estrondosa e, escondido atrás de uma tela gigante que surgiu na minha frente, começou a escrever sem que eu o visse. Eu via um movimento que parecia um raio laser, que eu quase não conseguia acompanhar... Mas, rapidamente eu vi o conjunto da obra: Eu estudo duetos. Por isso tenho alegria quando tenho alergia a ator nessa rota. Estou farto desse fator. Não vou a Roma pois não tenho amor. Perco o rumo quando vejo um muro. Se eu tivesse um carro de corar eu ia cantar uma cantiga na catinga. Mas não sou padre nem pedra. Agora se eu viro pato você topa? Você voa? Uma ova. No norte uso trenó e regra pra mim só se regar rosa num chão raso Sapo toma sopa ... Quando vi aquele besteiro anagramático, antes que ele continuasse fui eu que dei uma gargalhada. Ele atravessou a tela e veio p'ra cima de mim. Ao que tudo indica eu acordei, mas deixa estar que eu voltei a dormir. Aliás, como desafortunadamente acontece comigo em todos os pesadelos. Não lembro o que aconteceu mas ele ainda estava lá, quieto, num canto lendo alguma coisa. Ele estava calmo, mas eu ainda estava em pleno pesadelo sem saber o que se passava. Passada a saga, a única coisa que pensei ao acordar com falta de ar foi que nunca mais na minha vida eu ia beber vinho antes de dormir. Foi aí que vi um papel todo rabiscado em cima da cama, com a caneta habitual e uma letra conhecida: a minha!

Por incrível que pareça, dessa vez, legível. Estava lá, escrito:

LINA BEDRIKOVA em GARAMANSA

GARAMANSA é uma CIDADE que se DEDICA aos ANAGRAMAS.

Fica em ALGUM LUGAR na terra de MUGLA-RAGUL

LINA BEDRIKOVA teve ORIGEM na província de

MEGIRO-BEARKOVID, onde conheceu OMAR seu GRANDE AMOR.

GRENDA, a irmã de OMAR, CASTA, TERNA e TENRA era BELA e vivia na SACADA da TASCA de GARAMANSA, que pertencia a MEA, sua MÃE, CASADA com ABEL APASTROD, seu PADASTRO.

ABEL seguia a ROTA de VIDA de sua MÃE DIVA e era ATOR.

Sua MÃE DIVA tinha um PEQUENO TEATRO na ESQUINA de NOPEQUE com NAQUISE TROTÉA, centro de GARAMANSA.

Um DOMINGO MINGODO, DIVA e ABEL FIZERAM uma SURPRESA para LINA BEDRIKOVA e OMAR MAREZIF. GRENDA e MEA, irmã e MÃE de OMAR, GOSTARAM da SURPRESA SURREPAS, até pela música do MAESTRO TROSEMA MARATSOG e pelo roteiro baseado num ESTUDO sobre DUETOS.

Eu estava lendo o que estava escrito, com muita atenção, e quando virei o papel para ver o roteiro do show levei um susto. Minha letra havia sumido e tinha um garrancho estranho

..... e de repente um **HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA!!!!!!**

Pensou que ia me enganar...

Eu mesmo fiz o roteiro musical do maestro Maratsog.

Veja aí, seu idiota cibernético....

1º Ato – O sapo toma sopa no chão raso com a Rosa

2º Ato – O ovo tem uma mega gema

3º Ato – Além da alma o lema é a lama

4º Ato – O tango é a tonga da mironga na moringa

5º Ato – Na galeria da alegria a regalia dá alergia

6º Ato – Quando tenho temor da morte tremo

7º Ato – O rapto pela tropa é o parto para a porta

8º Ato – Iracema rainha da América

9º Ato – Uma cantiga na catinga

10º Ato – Meu arдил é lidar com bobo

Sem entender bem o que tinha acontecido me belisquei pra ter certeza que eu estava acordado e lembrei que Consuello havia me perguntado pelo chat GPT. Eu lhe disse que achava uma porcaria, pela sua falta de criatividade. Minha amiga sugeriu que eu estudasse o GPT, pois como comunicador social seria muito importante eu ter uma opinião mais elaborada sobre o chat inovador. Se Consuello não fosse muito minha amiga eu acharia que ela me rogou alguma praga....

O Raio

No meu tempo de menino, nas aulas de biologia, quando começava a “aprender” sobre os fenômenos da natureza, “descobri” porque de vez em quando chovia. No Recife, a chuva era sempre uma festa da garotada. Os escorregões nos paralelepípedos molhados eram uma espécie de ensaio para o surfe de anos depois nas praias da Boa Viagem e de Maria Farinha. O raio, seguido do trovão, era o prenúncio da chuva e do aviso de manhã: Olha o raio! Cuidado com o raio!

Nas aulas de geografia, a decoreba de nomes de rios, montanhas, cidades e países era o meu passatempo do recreio com meu amigo Artur. Quem acertava mais ganhava uma ximbra (bolinha de gude) do perdedor. No recreio da aula dos estados americanos eu ganhei uma ximbra por causa de Ohio. Artur falava óio e eu falava ôrraio. Ganhei por causa de uma aula de inglês, dias antes, quando a professora mostrou o mapa dos Estados Unidos e foi falando o nome dos estados. Nesse dia, Artur estava com inflamação na garganta e não foi à aula. Um tempo depois eu contei pro Artur e devolvi a ximbra. Ele gostou, mas continuou falando óio. Só quando entrei na faculdade é que fui entender porque falavam tanto dos Estados Unidos, nas aulas de geografia, de história, de arte e até de inglês. Acho que não preciso explicar. Nas aulas de física voltei a ter aula do raio do raio. O professor, tirando as brumas do passado que encobrem meu início de adolescência, era a cara

do atual presidente da Argentina - Javier Milei -. Até levei um susto quando vi a cara do portenho pela primeira vez. O professor Lira adorava falar sobre eletricidade e sempre dava um jeito de colocar a descarga elétrica do raio no meio da conversa. Ele era um precursor da energia sustentável quando sonhava que os raios armazenados seriam a energia do futuro, já que cada raio emite entre 100 milhões e um bilhão de volts. Recentemente li que não há tecnologia capaz de superar o custo-benefício dessa utilização. Voltei a vê-lo na televisão quando ele era diretor

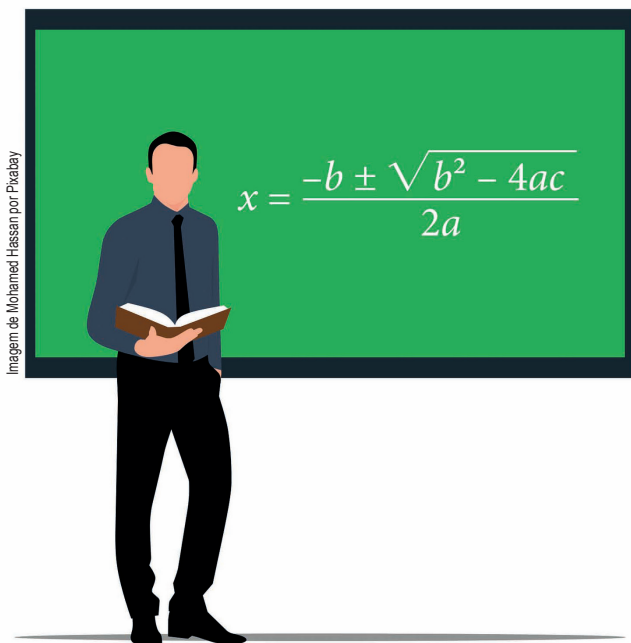


Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

da Companhia de Luz de Pernambuco. Como era uma época de apagões no estado ele aparecia sempre.

Nas aulas de matemática, o raio era meu maior tormento.

Nunca aprendi aquele diacho e, por isso, nunca esqueci que o raio de um círculo com área A é a raiz quadrada de A sobre (π) . Pi, como todos sabemos, menos os matemáticos, é um número irracional que nunca acaba: 3,14159265358979323846... UFA... e continua. Matemáticos são sempre racionais.

Nas aulas de português, o raio me ressurgiu, dessa vez com uma parte que me agrada: sob a forma de provérbios. O raio não cai em pau deitado. / A sorte é como o raio: nunca se sabe onde vai cair. / Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Esses são os raios mortíferos. No Brasil, nos últimos 10 anos, morreram 835 pessoas atingidas por raios. No Amazonas, 2,23 pessoas morrem por ano para cada milhão de habitantes.

Mas existem os raios civilizados: Um único raio de sol é suficiente pra afastar muitas sombras. Raios X, quando bem usados, nos ajudam a diagnosticar muitos de nossos males. Por sua vez, raios metafóricos embelezam a vida, tais quais os raios de luz que emanam dos olhos da pessoa amada. Embora, raios de ódio possam surgir também de outros olhos (e às vezes dos mesmos).

Há raios que matam para justificar a vingança da fé religiosa: Morreu porque Deus mandou um raio para acabar com sua alma impura. Motivou-me a escrever este texto a notícia que li hoje: Um jogador de futebol morreu (em 10/02/2024) após ser atingido por um raio durante um jogo amistoso na Indonésia. Curioso que ele estava ao lado de outro jogador que caiu com o raio mas saiu ileso. Religiosos de fé duvidosa dirão que Deus escolheu o impuro. Como foi na Indonésia, dirão que foi escolha de Alá. Políticos de direita dirão que o morto era comunista. Os de esquerda dirão que o sobrevivente é que era o comunista. Ambientalistas dirão que os raios estão aumentando devido ao aquecimento global. Empresários esportivos dirão que o jogador morto não soube se proteger. A família dirá que era um homem bom e que Alá o chamou para seu lado. O governo dirá que socorreu a tempo e fez tudo para salvar o atleta. Os outros jogadores rezarão até a próxima partida quando se jogam no chão fingindo que foram atingidos por um raio. Advogados negarão a indenização por acidente de trabalho à família dizendo que ele morreu de causa natural. You tubers venderão as fotos do momento do raio nas redes sociais. E, lastimavelmente, o falecido foi pro raio que o parta. Ou, no idioma indonésio *untuk petir menghancurkannya*.

O Membro Inferior Central e as Peripécias da Língua

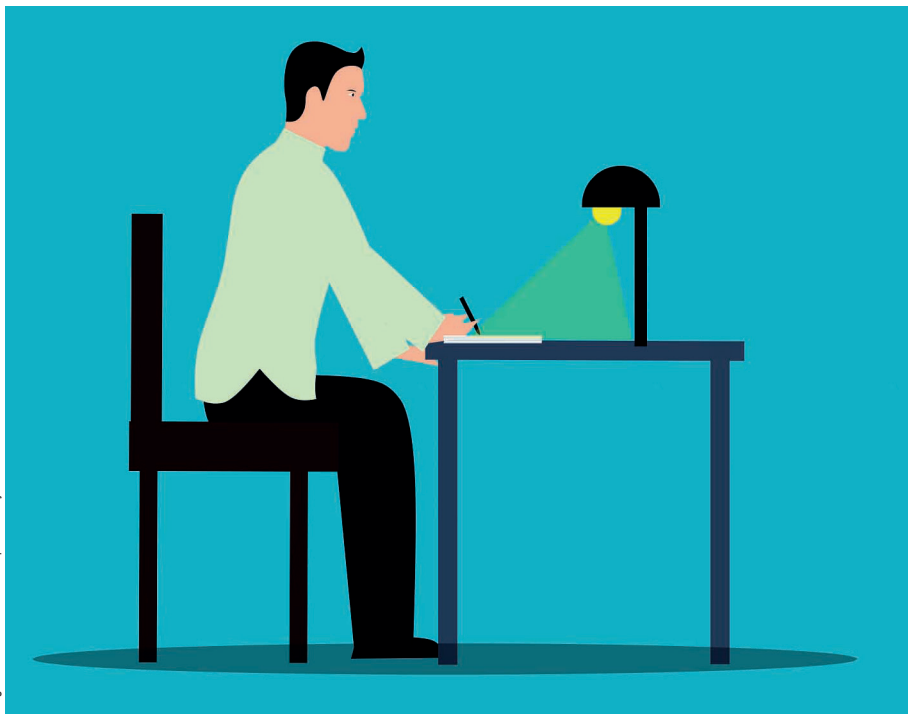


Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

Eu gosto da língua. Da portuguesa falo. Algumas pessoas acham a língua erótica. Via de regra é. Um grande amigo que se foi me confirmou: geograficamente, via de regra é a prova (de que é erótica). Quando da portuguesa falo, logo meus amigos perguntam: como é o nome dela? Eu respondo: ... da língua portuguesa falo e, não, da língua da portuguesa o falo. É uma reparação linguística para nos situarmos em tempos do politicamente correto. Já falei disso algumas vezes aqui na Coluna Opinião. A língua - músculo que se abriga na boca - é cada vez mais usada nas celebrações humanas. Inclusive, a garotada comemora nas festas: hoje foram oito; ih, perdeu, peguei 12 (línguas, claro). Caminho da regra (via de regra), enquanto comemoram a musculação lingual interlúdica reclamam de com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto, na expressão maior buarqueana da outra língua – a portuguesa. É contraditório a língua falada ser cancelada pelos mesmos que celebram a língua linguada. Chego à conclusão de que a liberdade de expressão deixou de ser um tema a ser debatido com seriedade, qualquer que seja o lugar da contenda, do pé-sujo ao Su-

premo. Assim como alguém proíbe com açúcar, com afeto, alguém libera estuprar sua mãe e suas filhas nas redes sociais e em alguns palanques de parlamentares. Olha só pessoal da Coluna Opinião, enquanto a esquerda e a direita continuarem cancelando a linguagem da cultura brasileira, da poesia, da literatura, da música e defenderem a ofensa pessoal com base na violência, em nome das idiossincrasias do politicamente correto pra cada um, tudo misturado num saco de gatos chamado liberdade de expressão, estamos caminhando para colocar a língua como órgão em extinção. Isso sem falar nos zap-zaps, tiktocs e novas modalidades rsrs, kkkk e emojis japoneses. Existem vários órgãos em extinção do corpo humano, segundo pesquisadores pós-darwinianos da antropto/bio/tecno/paleo/arqueologia cibernética. São eles: as amígdalas, o apêndice, o baço, a vesícula biliar, o timo, o dedo mindinho, o dente siso, a sobrançelha, no que pode levar alguns milhares de anos. Eu acho essa estimativa muito generosa.

Posso palpar, como num jogo entre Náutico e Sport que, no máximo daqui a uns 78 anos, isso ocorrerá. Algumas correntes científicas acrescentam que diante da expansão da fome, esôfago e estômago serão também extintos (77 anos?). E nem vou tocar nos órgãos pênis e vagina já em franca extinção (69 anos?). Fora que o cérebro já foi extinto na maioria de nossos parlamentares e jogadores de futebol. Mas, estamos falando de língua. Quando eu estava no 2º grau meus amigos brincavam com as meninas (hoje seria proibido) perguntando você sabe o que eu tenho no meio das pernas? O gaiato perguntador, diante do silêncio constrangedor, sempre tinha a resposta pronta: o pé da mesa, o risco entre uma coxa e outra, a letra R, o joelho, essas coisas... Mas eu sempre tinha uma coisa no meio das minhas pernas: uma caneta. Mania. Eu enfiava a caneta no meio das pernas pra ficar pronto pra andar nas folhas em branco a qualquer momento. Botei isso na cabeça: era o meu membro inferior central que me possibilitava ter três pernas. Duas para andar e uma para caminhar. Mas ainda faltava alguma coisa. Depois das aventuras lácteas com minha mãe, anos bem depois, talvez dez anos, onze (?), a língua compartilhada de Eurílis, minha primeira namorada, me ensinou que o compartilhamento de línguas exigia de mim um membro inferior central para explicar o que são as coisas da vida: uma caneta. Não deu outra. Tenho absoluta certeza, como tenho que vou morrer um dia, que Eurílis gostou mais da minha primeira poesia do que meu primeiro beijo de língua. Estávamos sentados após o beijo inaugural. Do meio das pernas saquei meu membro inferior central - a caneta - e tasquei-lhe o poeminha cheio de estrelas, sol e lua... Ali, enfim, nasceram minhas peripécias linguais.

Minha mãe falava sempre pro meu pai quando ele perdia na loteria: AZAR NO JOGO SORTE NO AMOR. Quando contei meio choroso que Eurílis tinha terminado o namoro comigo, mãe falou AZAR NO AMOR SORTE NO JOGO, VAI JOGAR BOLA. Como sempre fui ruim de bola, hoje meu esporte predileto é usar meu membro inferior central - a caneta - em peripécias linguais... e sigo...

A Feira do Anacoluto

Quando foi lançada a 1ª Festa Literária de Porto de Galinhas (FLI-PORTO), aqui em Pernambuco, em 2005, eu estava internado com suspeita de leptospirose no Hospital da Restauração Governador Paulo Guerra. Eu sabia que não era essa doença porque ela é transmitida por xixi de rato, mas os médicos me diziam que era a principal suspeita. Mesmo tendo certeza de que não era, como não sou médico eu ficava quietinho esperando um diagnóstico definitivo. Sempre tive pavor de rato. Seria impossível me me aproximar de um mísero camundongo. Como é que eu ia me contaminar com o xixi de algum? Na época eu só frequentava bibliotecas e eventos literários.

Saí do hospital bem melhor e, graças a Deus, sem diagnóstico.

O chato é que eu perdi a FLI-PORTO. Zé Côrtes, o organizador, havia me convidado para estar lá com meu grande amigo e professor de português Erondino Barbalho Gonzaga. Muitos anos depois, já colunista da Coluna Opinião, eu soube, casualmente, que o Fadel, um dos coordenadores da Coluna Opinião era cunhado do Zé Côrtes. Acasos à parte, quando saí do hospital, falei com o Dino (professor Erondino) que eu queria celebrar minha cura misteriosa da doença (mais misteriosa ainda) organizando uma mini festa literária, a que chamei de Feira do Anacoluto. Dino topou na hora. Falei com minha amiga Consuello del Pratto, professora, também “colunista opinião” que adorou a ideia. Programamos a Feira para um fim de semana no final daquele ano, na época em que os alunos de 2º grau estão se preparando pra entrar nas faculdades. Consuello conseguiu um sítio em Igarassu de um amigo de sua família - Pedro Neves - que, pura coincidência, anos depois eu soube que era muito amigo do Fadel. Conexões pernambucanas sempre muito bem-vindas. Para atrair os estudantes, cerca de 30, todos alunos do Dino e da Consuello, oferecíamos conhecimentos fartos de figuras de linguagem, sanduíches, salgadinhos, comidinhas e bebidinhas a preços bem módicos para os alunos e seus acompanhantes. O caseiro de Pedro providenciou com dois amigos vizinhos a montagem das barracas e das comidas e ainda conseguiram ganhar uma graninha.



Imagem de Mohamed Hassan por Pixabay

A feira funcionou sábado e domingo (19 e 20/11/2005), de 10 às 17 horas, pois Igarassu mesmo perto do Recife (mais ou menos 30 km), tinha o acesso da estrada ao sítio por estrada de chão. Os monitores (Dino, Consuello, Eu e mais dois professores amigos - Jessé e Rui) ficavam espalhados conversando sobre as figuras de linguagem com a garotada. É claro que havia música, conversa fiada e muita zoeira.

A alegria e a língua portuguesa reinaram. Em 2005, o letramento era analógico, alfabeta, ainda não era digital, celológico ou patrulhógico.

No meio das árvores nós - os monitores - colocamos pequenas estacas com placas das figuras de linguagem, tais como anacoluto; metonímia; catacrese; oxímoro; hipérbole; prosopopeia e tantas outras...

A meninada parava em frente e ficava discutindo qual era o significado de cada uma delas. Todos faziam apostas, brincadeiras, zoavam uns dos outros, anotavam as dúvidas e nós entrávamos pra dar exemplos... Tudo foi muito divertido, cantamos e rimos muito....

Anacoluto é quando há a quebra da estrutura sintática de uma frase. Exemplo: O professor Dino, ao ver a feira, os alunos correram para abraçá-lo.

Comparação é a relação de semelhança entre dois termos por meio de conectivos comparativos (como, tal qual etc.). Exemplo: As explicações da professora Consuello são como ver o mar pela primeira vez.

Metonímia é troca de uma expressão por outra que lhe guarda sentido associativo.

Exemplo: O professor tem várias bocas para tantas figuras de linguagem.

Prosopopeia é a atribuição de características humanas a objetos inanimados, ideias abstratas ou seres não humanos. Exemplo: Quando o professor escreve, o quadro parece sorrir para os alunos.

Catacrese se refere a algo que não tem nome e acaba incorporado ao idioma (dente de alho, braço de rio etc.). Exemplo: O professor Dino é a asa da nossa xícara.

Antonomásia ou Perífrase substitui um nome de pessoa ou local por uma característica ou título associado. Exemplo: O nosso rei dos mestres iluminados (em vez de “o professor Erondino”) é o mais admirado da escola.

Sinestesia expressa o uso de sensações dos diferentes órgãos do sentido (audição, visão, tato, paladar e olfato) para realçar o sentido. Exemplo: A fala do professor Dino às vezes é áspera, às vezes doce, às vezes ensurdecadora, mas sempre suas palavras são perfumadas pela singeleza e visível sabedoria.

Pleonasma é a repetição de uma mesma ideia, pelo uso de palavras diferentes que trazem o mesmo sentido, podendo ser intencional, por erro ou vício. Exemplo: A professora Consuello quando ensina entra dentro dos alunos.

Elipse e/ou Zeugma consistem na omissão de expressão subentendida pelo contexto ou a um termo que já apareceu antes. Exemplo: Consuello gosta de cantar, Erondino de ouvir, mas ambos de silêncio.

***Oxímoro* une palavras de significados opostos lado a lado, criando um paradoxo que reforça o significado das palavras combinadas. Exemplo: O professor Erondino nos aponta que somos culpados inocentes por não sabermos a língua falada calada.**

***Anáfora* é a repetição enfática de uma palavra no início de uma frase.**

Ex: Professor, professor, professor, aumenta minha nota por favor.

***Metáfora* compara elementos sem utilizar termos indicativos da comparação feita, deixando-a de forma implícita. Exemplo: A professora Consuello é uma andorinha que nos ensina a voar.**

***Aliteração* consiste na repetição de sons consonantais no texto de modo a criar efeitos rítmicos e sonoros de palavras próximas numa mesma frase. Exemplo: O professor Dino é muito fino e vira menino quando canta o Hino.**

***Assonância* é a repetição de sons de vogais com o mesmo intuito de criar efeitos rítmicos e sonoros. Exemplo: Consuello quando canta dá um nó no tom de dó e quem canta só engole pó.**

***Assíndeto* é a omissão de conjunção entre palavras de modo a intensificar o efeito da frase.**

Exemplo: A professora Consuello canta, brinca, sorri, ensina, encanta.

***Hipérbole* é um exagero utilizado com alguma expressão irreal para dar ênfase à frase.**

Exemplo: Consuello e Erondino estão enlouquecidos com essa feira e morrendo de vontade de voltar às aulas.

***Eufemismo* consiste em substituir expressões ou palavras fortes, ofensivas ou desagradáveis, de modo a amenizar ou suavizar a frase. Exemplo: O professor Erondino às vezes é um pouquinho brabinho.**

Alguns estudantes espertinhos vieram reclamar com a gente: “Professores está faltando um monte de figura de linguagem aí...” Eu logo perguntei pro grupo Ah é? Dá um exemplo aí... Mal sabíamos que eles tinham ensaiado um coral ficamos todos com cara de tacho, menos a Consuello que acompanhou o grupo no violão....

***Antítese* ♪ *Polissíndeto* ♪ *Ironia* ♪ *Paranomásia*
Gradação ♪ *Onomatopeia* ♪ *Apóstrofe***

Logo falamos que tínhamos deixado essas figuras de linguagem pra próxima feira e eles, claro, não acreditaram. Esqueci de dizer que tive um probleminha há pouco tempo e o médico perguntou se eu já tive leptospirose. Foi aí que caiu a minha ficha: biblioteca é um dos lugares onde tem mais rato. Eles fazem xixi à noite no meio da livraiada...

A história da equena atrícia essa

Em minha última coluna A Feira do Anacoluto, eu contei que não ude ir à 1ª Festa Literária de orto de Galinhas (FLIORTO), em 2005, ois eu estava internado com suseita de letosirose. A feira mudou de lugar. Nos dias 14 a 17 de novembro ela foi realizada em Olinda. Eu fui. Nos arredores encontrei um amigo de infância-adolescência: línio essa. Fazia anos que não o via. Ele estava sentado na sorveteria Olinda com uma linda menina, era sua filha. Abrimos os braços quando nos vimos. Sentei e edi logo um sorvetão desses de amansar sorvetômano. Logo, línio me arentou sua equena atrícia essa. erdemos a noção da hora contando nossas histórias. Quando ele me falou que havia se formado em medicina e se tornado neurologista, fiquei logo interessado em sua área de atuação: neurolinguística e distúrbios da fala. Logo lhe disse que eu era um entusiasta da língua ortuguesa, que eu havia lançado um livro e que escrevia na Coluna Oinião. Gentil, ele erguntou o nome do livro O Membro Inferior Central e as eriécias da Língua. Logo ele brincou dizendo que eu continuava com a caneta como meu membro inferior central e erguntou elo outro. Ri com a iada. Bem deois, quando duas essoas que não se veem há muito temo, sentem que o encontro está chegando ao fim, tentam um ao de desedida. Aí, saí de minha boca ainda gelada de itanga a ergunta: or que você resolveu se dedicar à neurolinguística? línio ediu mais um sorvete e erguntou à equena atrícia essa se também queria que, ronto, balançou a cabeça efusivamente. Ele começou dizendo: **or amor a atrícia**. E continuou... **existem duas áreas nos lobos frontal e temoral – a área de Broca e a área de Wernicke – elas são searadas mas mantêm uma ligação íntima or meio de fibras nervosas cheias de mistério**. Resolvi arriscar: e você estuda esse mistério? **Exatamente, seu caneta assanhada. atrícia ossui uma estranha e misteriosa variação combinada das afasias de Broca e Wernicke. É uma síndrome desconhecida, ainda não registrada cientificamente, em que ela não reconhece a letra ê, a mesma que usamos em ica-au, eteca e ernambuco. Quando assei a me dedicar a essa esquisa, descobri muitas coisas e recebi uma dádiva: a de oder ajudar muita gente. Devo isso à minha equena atrícia essa. Ela é alfabetizada, tem uma cognição normal, fala normalmente, mas a letra ê não faz parte de seu universo linguístico. É natural que ela fique um ouco retraída, mas nos esaços habituais ela é a rincesa das travessuras**. Enquanto línio e a equena atrícia essa sorviam seus sorvetões (quase edi mais um) eu fiquei quieto e ensativo. Ao sairmos, trocamos mutuamente nossos telefones e abraços. Dei um equenino beijo na testa da equena atrícia essa e saí lentamente elas ladeiras de Olinda, um tanto erlexo.

Confesso que fiquei muito impactado com nossa conversa.

A abnegação de Plínio ao buscar na medicina algo que pudesse se aplicar à sua amada

pequena Patrícia Pessoa e, de quebra, dedicar seu amor à ciência foi-me desconcertante. Conferi a Plínio naquele momento, em minha imaginação, o primeiro Prêmio Nobel de um brasileiro: o de Medicina, por seus estudos de neurolinguística e a conexão entre as zonas cerebrais de Broca e Wernicke. Em minha lenta caminhada pelas colinas de Olinda, lembrei de minha mãe e minhas tias quando eu era criança. Elas gostavam de me confundir falando na Língua do Pê. E elas conheciam as diversas variáveis da pêlinpêguá que só descobri anos depois. Quando se referiam a mim, num esforço de memória, eu identifiquei algumas das



ice-cream-8800182_1920

diversas variáveis que elas usavam do meu nome: pêchipêwan; chipêwanpê; chipiwanpan; pichi-panwan... Talvez, por essas peripécias da língua que hoje me fascinam, eu menino não entendia mas me divertia com minha ignorância diante de minha mãe e as tias. Até porque eu ainda não sabia o que era ignorância. Chegando à Fliporto, acreditem, é pura verdade, na primeira barraquinha, um livro imediatamente me olhou. Parei, peguei-o na mão: A via crucis do corpo, de Clarice Lispector (1974). Sem saber o que me movia com aquele livro na mão, olhei ao lado e vi a pequena Patrícia Pessoa passando ao longe com Plínio, seu pai e meu amigo. Voltei ao livro e lá estavam meus dedos na página 67 com o conto A língua do “P”. Com o livro de Clarice usando a âncora de meu braço direito sobre meu lado esquerdo do peito, mal havia entrado saí da feira.

Enquanto caminhava por Olinda, fui voltando ao meu passado. Era como se eu fosse ao encontro de Plínio, de minha mãe, minhas tias, todos falando a Língua do P. Meu idioma parecia querer mudar. Meu cérebro lutava comigo entre falar com P de mais ou sem o P, em homenagem à equena atriz essa. Sem saber para onde eu era conduzido cheguei ao Alto da Sé. De lá, adulto, olhei o mar de Pernambuco com os olhos de menino, encantado. Um pêfrêpôvô invadiu meus ouvidos de menino. Uma lágrima desceu de meu olho esquerdo direito à Clarice. Bonecos gigantes começaram a me abraçar.

E na fervura do frevo, quando cheguei na Rua do Amparo eu estava confuso de minha idade. Quando a cabeça está confusa talvez a gente precise de um neurolinguista para dirimir nossas controvérsias ou para exaltá-las com o amor das confusões. Sentei na calçada e ouvi a voz de minha mãe: ***Pêmeu pifipôlhô, pêeu pêê pêapômô.***

Chiwan é um dos colunistas anônimos ou heterônimos*, nunca se sabe, entre os tantos que nutrem a Coluna Opinião diariamente. À exceção de Rosangela Gaze e Alex Franco, dois dos voluntários colunistas e organizadores do BlogMV, não se tem notícia biográfica do autor deste livro. Envolto em misteriosas brumas dos rincões pernambucanos, de Chiwan sabe-se que ele não foi à 1ª Feira Literária de Porto de Galinhas, em 2005, que ele foi internado com uma doença que ele sabia que não era leptospirose, mas que atualmente ele já não sabe se foi ou não foi leptospirose e que ele é amigo de Consuelo del Pratto, outra colunista, também pernambucana. O que se sabe de Chiwan é que ele possui um membro inferior central e adora peripécias linguais (da língua portuguesa, claro).

* Luiz Carlos Fadel (BlogMV)

